

SILVANA BARBOSA



Governado pelo
Amor



PERIGOSAS NACIONAIS

Governado pelo amor

Silvana Barbosa

PERIGOSAS ACHERON

Capa: Néli Rúbia

Revisão: João Carlos Ferreira

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98 está proibida a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reprodução e comercialização desta obra sem a
prévia autorização da autora.

PERIGOSAS ACHERON

Querido leitor:

O selo “Sonhando com romances” apresenta histórias românticas, curtas e sensuais, que visam entreter e encantar com simplicidade, numa leitura fluída a preço acessível.

Você terá tramas diversificadas nessa coleção, podendo encontrar em suas páginas pitadas de ação, suspense, humor, fantasia e/ou sobrenatural, e

cada volume será independente do anterior.

Espero que aprecie a experiência.

Tenha uma boa leitura!

Atenciosamente,

Silvana Barbosa

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

— E por essas razões estou exonerando Miguel de Farias do cargo de Chefe de Polícia do Estado, e nomeando para o seu lugar o coronel Jorge Alberto Silva.

O mais jovem governador do país, Renato Gomez, voltou-se para o coronel, que se adiantou para apertar-lhe a mão num gesto simbólico amplamente fotografado pela imprensa presente à coletiva. Em pouco tempo de mandato já fazia expressivas mudanças em cargos de confiança, cumprindo a promessa de manter em seu staff apenas pessoas consideradas “ficha limpa”. Não era à toa que fora eleito com uma diferença

PERIGOSAS NACIONAIS

impressionante de votos entre ele e o segundo candidato favorito. O povo o admirava desde que atuara como deputado.

O governador deixou o púlpito para que o novo Chefe respondesse às perguntas dos repórteres e correu para os bastidores, acompanhado por seus guarda-costas, a fim de resolver outros compromissos importantes. Sua fiel escudeira, Ângela Assunção, o aguardava já com a agenda na mão. Rapidamente o grupo seguiu em direção ao estacionamento.

Enquanto corriam, ela fazia anotações.

— O que vai querer para o almoço, governador?

— Que tal bife, Ângela? Sem batatas fritas, preciso cortar os carboidratos. — Renato alisou o abdome, sem gordura alguma.

PERIGOSAS ACHERON

A secretária ignorou a brincadeira:

— Vou pedir o bife. Ah, o secretário de saúde pediu um encaixe na sua agenda ainda hoje, urgente.

— Ih, já vai pedir mais dinheiro...

— Quem mandou dizer que essa pasta era prioridade no seu governo?

— E é mesmo, mas ele é muito chato!

— E então? — Os olhos castanhos o interrogavam por trás dos óculos de finos aros dourados.

O governador bufou.

— Encaixa.

— O secretário da cultura também quer...

— Esse pode esperar.

Seguiram a passos rápidos até que um dos seguranças, o que estava à frente do grupo, parou abruptamente à porta que dava para o PERIGOSAS ACHERON

estacionamento, para conferir se a saída era segura. O segundo segurança abriu os braços, detendo o grupo que vinha logo atrás, muito próximo e compacto. O efeito foi semelhante ao de uma batida de carro em que um veículo se choca ao da frente, e todos, em sequência, repetem o movimento, engatando nas traseiras uns dos outros. O governador, que vinha logo após a secretária, colou totalmente no corpo dela, que deu um salto assustado para o lado. Renato botou as duas mãos juntas na frente das calças, imitando um tapa-sexo, e com um sorriso travesso, perguntou:

— Opa, Ângela, levou um choque?

— Hum! — Ela fez cara de desprezo — Não tem nada aí para dar choque. Você é inofensivo demais para isso.

A risada baixa e rouca atrás de si fez os cabelos da nuca de Ângela se eriçarem. Mais ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

quando Renato se inclinou para falar-lhe ao ouvido:

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Te conheço desde o berço, lembra? Repito: Inofensivo — Ângela respondeu, sem olhar para trás.

— Você faz muito bem pra minha auto-estima — resmungou o governador.

O segurança sinalizou caminho livre até o carro oficial.

— Você já tem o ego bem inflado. — Ângela balançou a cabeça, enquanto se dirigiam até o veículo. — Não precisa inflar mais.

Renato ergueu as sobrancelhas.

— Serva infiel! Qualquer dia te bato com um chicote!

— É só o que falta. Já trabalho como escrava mesmo. — A jovem deu de ombros, entrando no carro.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele tipo de conversa era habitual entre eles. Ângela e Renato eram amigos há anos, e parceiros de longa data no trabalho. Começaram cedo na política. Ela engajou-se inicialmente através de movimentos estudantis, depois interessou-se pelos bastidores do cenário. Renato já vinha de uma longa linhagem de políticos, famosos pelo comprometimento com o povo e admirados por seu forte senso ético. A família de Renato, assim como ele próprio, nunca se envolvera em escândalos de desvio de verbas ou algo parecido. O rapaz havia sido criado para seguir os passos da família, e era o mais jovem governador eleito do estado. Ângela e Renato formavam uma parceria de sucesso. Diante dos eleitores e adversários não faziam piada, mostrando um lado estritamente profissional, apesar de sua juventude e suposta inexperiência. A seriedade diante de terceiros visava evitar também comentários maledicentes. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

governador era um homem bonito, de olhos claros e sorriso perfeito, e um solteirão cobiçado que a mídia seguia avidamente, desejando captar uma novidade ou um deslize qualquer. No entanto, ele era um homem discreto, avesso a badalações, evitava beber em público, e só namorava moças discretas como ele. Havia algum tempo que não era clicado com ninguém. Pretendentes não faltavam. Alguém já havia dito que o poder é afrodisíaco, e no mundo político, onde mesmo os casados pareciam estar sempre disponíveis e prontos para os prazeres de alcova, garimpar um solteiro completamente desimpedido era tirar a sorte grande.

— Não tenho tido tempo nem pra namorar — dizia ele aos repórteres quando o abordavam sobre o assunto —, mas quando eu estiver namorando, vocês serão os primeiros a ficar sabendo.

PERIGOSAS ACHERON

O governador mostrava-se simpático a todos os jornalistas, sem exceção.

Ângela, ou Ânge, como o governador gostava de chamá-la, evocando a imagem de anjo da guarda, estava nesse momento repassando a agenda para o chefe e amigo:

— Estamos seguindo direto para o encontro com o secretário de educação, discutir sobre a possível greve dos professores.

— Então leia agora pra mim as reivindicações deles — disse o governador, fechando os olhos e concentrando-se.

A secretária, apesar do tempo de convívio como amiga, já dos tempos da faculdade, ainda se admirava com o poder de memorização espetacular

dele. Ouvindo apenas uma vez um relato, o político conseguia armazenar a informação em seu cérebro e pinçá-la do fundo da memória mesmo anos depois. Podia dar-se ao luxo de preparar-se para uma reunião importante horas antes dela começar, e tinha o raciocínio extremamente rápido para solucionar problemas, fazendo dele um homem de ações e decisões ágeis e enérgicas, e alçando-lhe cada vez mais ao sucesso. Por seu perfil, eficiente e honesto, estava bem cotado em seu partido para ser indicado à Presidência da República, talvez já nas próximas eleições.

Ângela passou distraidamente a mão nos cabelos castanhos rebeldes, conferindo se o rabo-de-cavalo ainda mantinha-se bem preso, pigarreou e começou a ler a lista de reivindicações bem lentamente, como o chefe sempre pedia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

— Bom dia, Ruth. Cadê o governador?

Ângela foi entrando direto no apartamento, já que tinha sua própria cópia da chave. A residência ficava em um elegante condomínio, era ampla e bonita, impecavelmente limpa graças à organização de Ruth, que trabalhava há décadas com a família Gomez e há alguns anos exclusivamente para Renato. Ruth liderava uma pequena equipe formada por uma cozinheira, uma faxineira semanal, e um faz-tudo sempre a postos para as emergências. O governador havia recusado o luxo exagerado da residência oficial, e se mantido em sua própria casa, onde sentia-se mais

confortável.

A governanta aproximou-se, e cochichou próximo ao ouvido de Ângela:

— No quarto, ainda, minha filha. Acho que ele está de mal humor. Disse que não sai de casa hoje. Ah, ele não tá bom, não...

Ângela suspirou. Já conhecia o temperamento de Renato, sabia que às vezes ele podia ser um chato teimoso, mas recusar-se a sair para trabalhar... Só se estivesse doente, mas se fosse isso, Ruth saberia. Tomou fôlego para enfrentá-lo e iria fazer de tudo para que comparecesse ao trabalho. Sentiu-se aliviada pelo fato dos compromissos da agenda de hoje começarem bem mais tarde do que de costume. Conferiu com as duas mãos o cabelo amarrado em coque no alto da cabeça, alisou a saia que ia até os joelhos, deixou a bolsa no sofá e respirou fundo

antes de bater na porta do quarto de Renato e entrar com cuidado para não irritar ainda mais a fera.

— Bom dia, governador!

— Oi.

Renato estava sentado na ponta da sua grande cama, de costas para a porta. Nem sequer virou-se para olhar a secretária.

Tocava uma música suave no aparelho de som do quarto, um cd instrumental, agradável e com toques sensuais, do tipo que se ouve para relaxar. Ângela imaginou que a música combinaria com um bom vinho branco. Sacudiu levemente a cabeça para concentrar-se em sua missão.

— Temos compromissos hoje, Renato.

— Temos compromissos diariamente, Ângela.

— Você não está pronto...

O governador estava sem camisa, usando

PERIGOSAS ACHERON

ainda confortáveis calças de pijamas, virou-se para ela bem devagar, encarando-a com os belos e grandes olhos claros:

— Desmarque os compromissos, não tenho condições de sair para trabalhar hoje.

E lá vamos nós!

Ângela sufocou um gemido, sentando ao lado oposto de Renato.

— Estou vendo que você está bem. O que houve?

Ele deu de ombros.

— Estou na *seca*, Ânge.

— Heim?

Ele girou o corpo e sentou-se ao lado dela. Falou baixo, como se fosse um segredo entre crianças:

— Sabe há quanto tempo eu não transo?

— Renato! — Ela deu uma risada, pelo

PERIGOSAS ACHERON

inesperado da frase — Como é que é?

— Deve ter mais de um ano que eu não faço sexo.

— Ah, que nada!... É sério? — Pensou no assunto. Era possível, afinal ela também não fazia sexo há séculos, e se ela não tinha tempo pra isso, Renato provavelmente também não teria. Olhou bem pra ele. Era jovem demais pra ser governador, e bonito demais para estar ainda solteiro. A amiga sabia que ele era um homem cobiçado, porém, sempre avesso a aventuras e cada vez mais exigente em suas escolhas. Não desejava que nenhum escândalo amoroso colocasse em risco sua meteórica carreira. Já havia visto muitos homens de sucesso manchar sua história ao fazerem escolhas erradas baseadas apenas no sexo, e não cometeria o mesmo erro. Assim, incentivou-o a continuar falando

— E? — Ângela fez um gesto de desenrolar com as mãos, para que ele desenvolvesse o assunto.

— Eu preciso de sexo. Estou estressado.

Mais uma vez ela riu:

— Essa conversa está mais inusitada que de costume. Sexo agora é remédio contra estresse?

— Para um homem, é.

— Você nunca foi esse tipo machista.

— Eu PRE—CI—SO de SE—XO —
Renato falou devagar, dando ênfase às palavras.

Por um segundo Ângela sentiu-se pouco a vontade com a proximidade e os modos dele. *Ele estava falando sério!* Desviou os olhos, observando distraidamente os belos lençóis de linho que cobriam a cama. Continuou a conversa:

— Você está sozinho porque quer. Por que não namora?

— Tudo bem, quero namorar. *Agora*. Onde
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está a gata?

Os olhos dela arregalaram.

— Tá, peraí, tem que ser com essa urgência?

— Sim, estou no limite. — Ele bateu as mãos grandes nos próprios joelhos.

Ela deu uma risada nervosa.

— Bom, não sei o que dizer, sou sua assistente e sua amiga, e gostaria de ajudar, mas...
— Ela deu de ombros, concentrando o olhar em um colorido quadro de pintura moderna que contrastava com as paredes brancas e imaculadas do quarto.

— E se você... você... — Ele deixou a frase no ar, enquanto a encarava.

Ângela quase deu um pulo, espantada, fez sinal negativo com o dedo, veemente:

PERIGOSAS ACHERON

— Nem vem, no meu contrato de trabalho não tem isso não, nã, nã, não tem mesmo! Nenhuma cláusula sobre transar com o governador para deixá-lo “*calmo*” e apto para continuar suas funções de líder.

Dessa vez foi ele deu uma risada:

— Tá, fica calma, não vou te pedir sexo. Que tal uma... *ajudinha*?

Os olhos dela se estreitaram

— *Ajudinha*? Desenvolve...

— Bom, falando como adultos que somos, já na casa dos trinta, amigos de longa data, não somos tímidos...

Ângela fez uma careta:

— Fala sobre você. A sua falta de timidez beira o exagero.

Renato sorriu, e continuou:

— Bem, continuando o assunto, você podia

me ajudar a me *aliviar*. —Ele deu ênfase à palavra final.

— E por que — ela perguntou bem devagar —Vossa Excelência não se *alivia* no banheiro?

— Posso fazer isso, mas tenho dificuldade quando não há um estímulo visual.

Ângela devia levar isto a sério? Trincou os dentes ao indagar:

— E eu seria esse estímulo visual?

— Isso!

As sobrancelhas dela franziram:

— Você quer ficar me olhando enquanto...
Se “*alivia*”?

— É! Simples assim!

Ela não sabia se ria ou gritava com o velho amigo. Tirou os óculos e limpou as lentes em uma ponta do lençol, ganhando tempo, e depois devolveu-os ao rosto bem devagar. Olhou

PERIGOSAS NACIONAIS

firmemente para o homem ao seu lado:

— E por que eu deveria fazer isso?

Renato abriu um sorriso reluzente:

— Para eu voltar feliz para o trabalho!

— Vou repetir: Por que eu deveria fazer “isso”?

— Ah! — Renato mordeu o lábio, pensativo

— Porque eu lhe daria algo em troca.

Olhou para ela, com expectativa.

Ela fingiu espanto.

— Oh, e o que o senhor me daria?

— Em troca de você me mostrar um lindo seio, eu lhe daria um lindo cheque de dois mil reais.

Ângela levantou-se, as faces ruborizadas.

— *O QUÊ?* — ela guinchou — Você quer me ver nua??

PERIGOSAS ACHERON

Renato também se levantou, aproximando-se o suficiente para evitar que ela corresse porta afora.

— Não é nada demais, Ânge!

— É sim, é uma *proposta indecente*! Que nem naquele filme! Você quer me pagar para eu...

Renato deu uma risada, negando com a cabeça.

— De jeito nenhum! É um *acordo entre amigos*.

Acordo entre amigos?? Ângela cruzou os braços, e começou a bater um dos pés no chão, nervosa e irritada ao mesmo tempo.

— Você é mesmo um idiota. Sempre soube disso.

— Que tal renegociarmos para três mil reais? — ele perguntou, ignorando a expressão dela e sua indignação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ânge abriu a boca, pasma, e definitivamente surpresa:

— Endoidou, Renato! Ou então está brincando com a minha cara. Já ouvi as coisas mais absurdas da sua boca todos esses anos, mas essa supera todas, essa é de longe a maior delas!

Foi a vez dele cruzar os braços e franzir as sobrancelhas:,

— Só estou sugerindo que você seja generosa! Eu só vou olhar você... Qual a dificuldade? Eu já te vi com um biquíni minúsculo, você estava quase pelada com ele. E — ele a olhou insinuantemente —, você não estava nem um pouco inibida...

— Olhar?

— Sim.

— O quê?

Ele titubeou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A parte de cima.

— A parte de cima?

Renato fez uma expressão impaciente:

— Os seios, Ângela!

— Os seios?

— Você parece um eco.

— Você não acha que isto é abusar de nossa amizade?

— Não.

Ângela soltou outra risadinha nervosa. Se fosse outro homem falando essas coisas para ela, já teria levado uma bela bofetada na cara. Só mesmo com Renato poderia ter aquele tipo de conversa. Apenas ele poderia mostrar o quanto lógica e normal era uma coisa, quando essa coisa não era normal ou lógica em absoluto!

Ela sabia que deveria sair correndo do quarto, mas as pernas não obedeciam.

PERIGOSAS ACHERON

— Você começou falando em um favor, aí de repente falou em dois mil reais, depois pulou para três...

— E você aceita?

— NÃO.

— Que besteira, Ânge, eu nunca te nego nada!

Ela riu, sem humor.

— Você é uma figura... Está me achando com cara de prostituta, Renato?

Renato arregalou os olhos:

— Não, nunca! Meu Deus! Nada disso! Nós nos conhecemos faz tanto tempo, eu a respeito muito, você é a mulher em quem mais confio. A melhor — falou, com suavidade, e colocou as mãos sobre os ombros dela.

Ângela deixou escapar um suspiro bem baixinho. Sentia-se meio atordoada. O torpor viria

PERIGOSAS ACHERON

da proposta em si, ou da forma como ela estava sendo feita? Do aroma do quarto, ou do próprio dono dele? Da intimidade que a situação propunha ou da intimidade de estar em um quarto com um homem, que mesmo sendo seu amigo por tanto tempo, vinha mostrando ultimamente um traço sedutor que nunca a havia despertado antes?

Oh, droga, não estava pensando com clareza...

Renato prosseguiu, baixando o tom da voz:

— Ângela, só você pode me ajudar... — Ele pegou a mão dela e prendeu entre as suas. Eram mãos quentes.

Ângela fitou as mãos unidas.

O que estava acontecendo?

Havia algum tempo que algo parecia ter mudado na amizade dela e Renato. E não era o fato de trabalharem juntos, e ficarem muito mais tempo

ao lado um do outro, era?

Sempre foram amigos. Nunca passou disso, apesar de toda intimidade que tinham.

E agora ele vinha com aquela proposta louca... e... não pelo dinheiro, lógico, estava começando a sentir-se... *Meu Deus...* Estava começando a sentir-se tentada a atendê-lo!

As pernas dela falharam e sentou-se novamente, para obter apoio. Renato moveu-se junto, suas longas pernas roçando nas dela sobre a cama.

Ele pareceu perceber que a resistência da amiga começava a cair, e continuou falando, na mesma cadência suave:

— Confie em mim, eu não vou falar pra ninguém, nem ficar te lembrando disso depois, e também não pedirei que faça outras vezes, se não quiser. Eu lhe darei um cheque de cinco mil reais,

cinco... percebeu que eu já aumentei a oferta? Tudo isso em troca da sua... gentileza e... ficarei lhe devendo um favor.

Ela ergueu de novo as sobrancelhas, os olhos castanhos brilhantes e inquisitivos:

— Você ficar me devendo um favor... Isso começa a parecer interessante...

— Viu? Já podemos fechar negócio. — Ele sorriu para ela, ainda segurando sua mão — E vou manter-me comportado por muito tempo, sem perturbar o seu trabalho. E ainda por cima, te devendo o que você quiser me cobrar. Vai ser bom para os dois. Olha que legal!

Renato esforçava-se para não sorrir demais, temeroso que parecesse estar tripudiando dela, agora que havia conseguido que realmente considerasse sua pouco honrosa e tresloucada oferta. Fazia tempo que não via Ângela apenas

como amiga, mas simplesmente não sabia como abordá-la a este respeito. Não em se tratando de sua Ânge.

Se Ânge aceitasse aquela proposta, que até para ele parecia absurda, mostraria a antiga amiga, de várias formas, o quanto a desejava.

Renato acariciou a mão dela, lentamente.

Talvez fosse o modo como ele falava, talvez a música de fundo, talvez a atmosfera acolhedora do quarto, a questão é que quando as palavras de Ânge saíram de sua boca, até ela mesma se surpreendeu:

— Está bem.

O sorriso dele então se abriu por completo, pegando agora a outra mão da moça e beijando as duas de leve. Inclinou-se para frente, aproximando-se mais dela, de forma que seus rostos ficassem bem próximos. Próximos demais.

— Obrigado...

— Você sempre teve esse sorriso de lobo, ou só notei isso agora?

— Vou tentar não fazer essa cara, prometo.

Mas era difícil para ele ocultar o que estava pensando no momento. Apenas olhar os seios de Ângela? Impossível só olhar. Queria muito mais. Queria tudo dela. E um pouco mais.

Renato levantou-se de bem devagar de onde estava sentado, e passou a chave na porta do quarto. Não desejava ser interrompido.

Ângela observava os movimentos felinos dele sentindo o coração disparado, o corpo inteiro tomado de um suave tremor, a música instrumental soando como um mantra. Por que aceitara isso? Deve ter sido porque a proposta surgiu tão imprevisível que a desarmou e não permitiu que pensasse com clareza. Teria sido o tom de voz dele,

quase hipnótico? Ele já estava se aproximando novamente e ela continuava sentada na beira da cama, as pernas ligeiramente afastadas, sem saber direito o que fazer. Levou a mão aos botões da blusa de seda e parou. Renato havia ajoelhado-se diante dela, e olhava-a bem fixo, de uma forma diferente da que um amigo olharia. Pôs as mãos nos joelhos de Ângela, e ela instintivamente entreabriu ainda mais as pernas, para que ele se aproximasse. Renato roçou a cintura entre os joelhos de Ângela ao aproximar-se, então subiu sua saia pelas coxas, com cuidado, e o coração dela disparou.

Oh, céus, pensou Ângela, cada vez mais alarmada: *“Eu também estou na seca sexual!”* Não podia haver outra explicação para o desejo que sentia agora. Sim, queria mais do toque de Renato, daquele que era seu amigo desde sempre. Queria o toque daquelas mãos fortes em todos os locais. Era a secretária mais safada do mundo! A amiga mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem noção do que era amizade!

Percebeu que sua calcinha começava a aparecer e que Renato estava próximo demais do corpo dela, mas não conseguia protestar. As mãos masculinas envolveram a sua cintura, procurando o zíper da saia, o abrindo rapidamente e libertando a blusa que estava presa. Renato começou a abrir os botões frontais com calma e concentração. Ângela sentia o peito arfando, as mãos coladas no colchão, achando que se soltasse fatalmente cairia. Sentia-se desequilibrada, totalmente sem controle da situação. O homem à sua frente, porém, não parecia nada vacilante. Tirou-lhe a blusa lentamente, o rosto bonito transmitindo volúpia ao encará-la. Ela sacudiu ligeiramente os braços para que as mangas da roupa escorregassem. O clima, o olhar, sua própria ansiedade, tudo indicava que as coisas não sairiam exatamente como o combinado.

PERIGOSAS ACHERON

Oh, já sabia como aquilo iria acabar, mas estremeceu quando sentiu os lábios dele deslizando por sua barriga. *Ah, droga, ela havia gemido. E alto!*

Encorajado pela reação dela, Renato subiu os lábios ainda mais, e beijou a curva dos seios. Ângela estremeceu, tornando a gemer. Ele então a enlaçou outra vez, abrindo habilmente o fecho do sutiã e tirando-o com delicadeza. Admirou longamente os seios dela, os mamilos rosados, pontudos. Murmurou:

— São maravilhosos, Ângela, a coisa mais linda que eu já vi...

E então os tocou com seus lábios. Primeiro contornando o mamilo esquerdo com a ponta da língua, depois levando a boca até o outro seio, sugando-o devagar. Não demorou muito para abocanhá-lo e provocar um arfar desesperado de

PERIGOSAS NACIONAIS

Ângela.

Ooooh, aquilo não era mesmo o que haviam combinado...

Renato acariciava o bico do seio que não estava sendo beijado, causando um prazer tão intenso em Ânge que ela nem percebeu exatamente quando a outra mão dele entrou por entre suas pernas, afastando a calcinha, alcançando e tocando as suas partes mais íntimas.

Ah, aquilo era muito...

Ângela murmurou numa tentativa de protesto:

— Você falou que ia só olhar...

Renato calou-a com um beijo tão intenso que a deixou sem fôlego, fazendo-a esquecer tudo a sua volta, entregando-se totalmente àquele momento delirante. Enquanto a beijava, continuou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a tocá-la intimamente, provocando um carrossel de sensações que faziam Ângela girar, girar, até quase alcançar o ápice do prazer. Um lamento borbulhante subiu-lhe a garganta, uma resposta positiva inegável às carícias de Renato. Assim que ele a julgou bastante úmida, desvencilhou-se de suas calças e deitou-a na cama, soltando-lhe os cabelos e retirando de vez a sua saia. No momento em que se debruçou sobre ela e pôs a mão em sua calcinha para também arrancá-la, a mão de Ângela o deteve. Ele parou abruptamente, imóvel, e ela o encarou, com olhos surpresos e interrogativos:

— O que estamos fazendo, Renato?

— Acho que você sabe — respondeu ele, num sussurro.

Devia dizer a ele que não deviam prosseguir, que não era o combinado, que não era o correto. No entanto, a voz não lhe saiu.

PERIGOSAS ACHERON

Ela soltou a mão dele, permitindo-lhe que tirasse a última peça que vestia. Renato esticou-se até a mesinha de cabeceira, sem contudo quebrar o contato visual, retirou uma camisinha da gaveta e fez uma pergunta muda à Ângela: *Poderia continuar?*

O leve assentimento dela foi suficiente para que ele desenrolasse o latex do preservativo e cobrisse sua extensa ereção.

Então Renato a penetrou, lentamente a princípio, depois aumentando a cadência a cada vai e vem, e ela o apertou forte entre as pernas, movendo-se junto com ele, como se fossem um só, o prazer intenso fazendo-os gritar no momento do clímax. Assim que acabaram e ele ficou-se exausto ao lado dela.

Ângela puxou o lençol sobre o corpo e cobriu o rosto com as mãos, envergonhada. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

afastou as mãos dela com delicadeza, olhando-a bem nos olhos. Não queria que ela chorasse. Sentiria-se o pior dos canalhas caso isso acontecesse.

— Ânge...

— O que nós fizemos, Renato? Estragamos nossa amizade... Por que você provocou isso?

O coração de Renato se apertou. Desejava Ângela havia tanto tempo, e agora que havia acabado de levá-la para sua cama, sentindo a alegria da realização de um sonho, via o objeto se seu afeto arrepender-se! *Não, não poderia permitir tal coisa!*

— Ânge, me escuta, por favor. Por acaso eu te machuquei?

— Não...

— Você acha que eu te forcei?

— Não...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que nós fizemos foi feio, nojento, horrível?

Ela conseguiu dar um meio sorriso:

— Também não.

— Então não fizemos nada errado, nada do que nos envergonharmos, nem que ofendesse outras pessoas, ou a nós mesmos.

— Quando você fala, tudo parece tão simples e natural...

— Porque é! E sabe de uma coisa? Foi incrível! Eu adorei cada segundo... Pra que falar mais? — Ele a beijou nos olhos, depois a face e por fim os lábios. Beijou-a ainda mais intensamente do que da primeira vez, tirando o lençol de cima dela. Os lábios dele foram até o pescoço de Ângela, desceram por seu corpo lentamente, explorando cada vez mais. Ela soltou um gemido alto e logo estavam fazendo amor novamente, saciando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

urgência de seus corpos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Acordaram de um rápido cochilo ligeiramente sobressaltados. Os compromissos do governador já estavam atrasados, e ele espantou-se com o horário. Com os anos de prática, Renato aprendera a arrumar-se rapidamente. Saltou da cama e tomou uma chuveirada, e em poucos minutos estava completamente vestido, de terno e gravata, sentado na beira da cama, esperando que Ângela terminasse de se vestir. Quando ela sentou-se silenciosa ao lado dele, calçando seus sapatos, o governador puxou significativamente a carteira que estava sobre a mesinha de cabeceira e abriu o talão de cheques. O rosto dele estava impassível,

indecifrável.

Imediatamente a moça pôs a mão sobre a de Renato, horrorizada pela ideia de receber um pagamento por haver se deitado com ele, e suplicou com voz trêmula:

— Por favor, não faça isso. Não me ofenda dessa maneira.

Renato jogou longe a carteira, tomando o rosto dela em suas mãos, e beijou-a sofregamente. Falou bem baixinho:

— Eu estou apaixonado por você. Jamais iria querer ofendê-la.

Nesse momento Ângela não pode mais conter as lágrimas que se esforçara tanto para reter. A verdade, que agora ela via bem claramente, a razão de ter cedido à proposta absurda dele àquela manhã, era uma só, e estava bem perceptível agora: também se apaixonara.

Era loucura!

Depois de anos de amizade, o amor surgira subitamente, e se estabelecera com toda força em seus corações, de modo que agora estavam completamente enredados numa paixão totalmente inesperada.

Respondeu, na mesma voz trêmula de antes:

— E eu estou apaixonada por você.

— Ficaram alguns minutos apenas se encarando, digerindo aquela nova realidade entre eles, de mãos dadas. Renato sorriu.

— Estou aliviado. Temia que você relutasse quando eu lhe dissesse que não a queria na minha cama por um dia só. Para ser franco, não sabia nem como ia lhe dizer isso...

Ângela deu uma risada, sentindo as lágrimas ainda descerem em sua face.

— Não! Renato, o sabichão, o governador

eloquente, estava sem saber o que dizer?

— Você fez isso comigo.

Inclinou-se, e tocou-lhe a boca com um beijo suave.

— Você vai instruir ao José Carlos a marcar uma coletiva para divulgar o nosso namoro antes que as revistas de fofoca o façam, Ânge. — Renato quebrou o silêncio. — E terá que deixar seu cargo, para que não Caim sobre nós acusações de nepotismo.

Ângela piscou várias vezes, procurando digerir aquelas palavras.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Não vou deixar ninguém estragar o que temos agora. Muito menos vou abalar a minha carreira e perder tudo que conquistei até hoje.

Ela sabia que ele estava certo, o

pensamento, como sempre, mais rápido e prático. Ângela concordou com a cabeça. Preferia perder o emprego a atrapalhar a carreira do amado. Renato era um homem observado com cuidado pelos seus adversários e pela mídia. Nunca, no entanto, o haviam flagrado numa situação embaraçosa com mulheres ou com amigos, pois seu comportamento diante do público era impecável. Só a família e os mais íntimos, como ela, sabiam que ele não era santo, que era capaz de explosões de mau humor, com uma língua afiada que sabia proferir os piores palavrões, e uma garganta potente que podia gritar absurdamente quando assistia a uma partida de futebol.

Não seria ela, logo ela, a estragar o futuro de Renato, ainda mais quando ele era um homem que poderia ajudar no desenvolvimento de seu país. No entanto, não podia ignorar que seria *ela* quem teria que abrir mão de um bom emprego em nome

PERIGOSAS ACHERON

do amor.

Saíram juntos para os compromissos. Trocaram apenas alguns olhares durante o resto do dia, que se encerrava com uma recepção na casa de um senador, e Ângela ainda precisaria comparecer como assistente do governador. Passou em casa para vestir-se adequadamente, demorando-se mais do que de costume em frente ao guarda-roupa. Escolheu um vestido preto e longo que pouco usara, com um decote bem profundo nas costas. Quando Renato a viu no vestido provocante, seus olhos brilharam, mas evitou fazer qualquer comentário que pudesse ser ouvido pelos guarda-costas ou pelo motorista, e seguiram juntos no carro oficial, como faziam sempre.

Mantiveram a habitual aparência profissional durante a recepção, mas a secretária pode perceber que o chefe estava mais solto, com o riso mais fácil do que de costume.

Uma coisa era certa: ele estava mesmo bem menos estressado.

Ele a flagrou o observando e lhe lançou seu mais belo sorriso. Ângela desviou o olhar, sentindo o rosto quente e temendo que alguém percebesse.

Voltaram juntos para a casa dele após a pequena festa, o que também era um hábito profissional, pois sempre revisavam os compromissos para o dia seguinte. Só após essa revisão ela ia embora para sua casa, geralmente levada por Beto, o motorista faz-tudo que dirigia o carro pessoal de Renato.

Estavam inquietos dessa vez no banco traseiro do carro oficial. Os vidros pretos e a

divisória com motorista permitiam algumas carícias e beijos, mas isso lhes parecia insuficiente. Saltaram quase correndo, aos atropelos, quando o veículo parou, espantando os guarda-costas. Mal conseguiam disfarçar a excitação. Assim que entraram no apartamento, começaram a arrancar suas roupas, ali, na sala mesmo.

A governanta Ruth aproximou-se ao ouvir o barulho da porta, para lhes oferecer um café, mas ao vê-los já praticamente nus, aos agarrões, ocultou-se nas sombras e voltou para cozinha rapidamente, murmurando consigo mesma:

— Até que enfim, já não era sem tempo...

Capítulo 4

Ângela sabia que não deveria contar a ninguém as circunstâncias que a levaram ao romance com o governador Renato Gomez, a não ser para Lúcia. Lu, como era chamada intimamente sua melhor amiga, era uma juíza famosa, mais velha que Ânge, desbocada, absolutamente sincera, e, seu maior atributo, uma amiga de confiança. Os segredos com ela estavam seguros, e a namorada do governador narrou-lhe toda a história da proposta de Renato, e seu resultado.

— Então o governador acordou de manhã, abriu as cortinas e disse: "É, hoje vou traçar uma secretária no café da manhã..." — Comentou Lúcia, divertida, enquanto bebia café.

— Não foi assim — protestou Ângela. —

Foi espontâneo.

A amiga deu uma risada:

— Acredita nisso? Espontâneo? Não, não mesmo. Original? Ah, isso sim. Essa forma de conquista eu nunca vi, ele é muito esperto. Claro que desde o início queria transar com você. A música, o ambiente do quarto, até a pouca roupa que ele estava usando... Eu conheço uma mente criminosa, o planejamento, como se prepara um cenário... E ele preparou esse cenário... Você sabe que é verdade. Em nenhum momento pensou em ficar só na espiadinha!

— Ele sabe manipular muito bem. Nos dois sentidos. — Ela sorriu.

— Ah, você acha graça no que ele fez, sua sem-vergonha... — Lu apertou o braço da amiga, rindo.

Ângela deu de ombros. Lúcia estava certa,

PERIGOSAS NACIONAIS

Renato tinha mesmo conseguido serviço completo. Ficou pensativa.

— Um dia ia acabar acontecendo, amiga, vocês dois sempre grudados, todo dia, todo dia... Ele até que demorou muito pra tentar. O que me surpreendeu um pouco foi você ter cedido assim, de primeira, ao avanço dele... Bom, você ceder também era só questão de tempo, convenhamos, ele é uma beleza.

Ângela não podia discordar.

— Isso é. Sempre foi um gato, parece que até que está melhorando com a idade...

Mas Ângela sabia que aquele não havia sido exatamente o primeiro avanço, e os sinais dele já estavam sendo enviados há algum tempo, só que Ângela recusava-se a aceitá-los, dizendo a si mesma que tudo não passava de sua imaginação equivocada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é uma mulher de sorte, e não importa o método pouco ortodoxo que ele usou pra chamar sua atenção, e sim o que ele sente por você. Não o deixe escapar. É o homem dos sonhos de toda mulher e espero que vocês fiquem noivos nos próximos dias.

— Apressada...

— Querida, ele é um homem público, e é isso que os eleitores vão esperar que ele faça, porque vocês já se conhecem há muito tempo, e o povo também a conhece por estar sempre com ele. Mas a sua vida vai mudar, não vai poder trabalhar mais, talvez não volte nunca... Seu novo emprego será como namorada do governador, tirando fotos sorridentes ao seu lado, com cabelos soltos e lentes de contato. Sabe que será assim, não sabe? O amor pra você poderá custar mais caro do que para uma mulher que não seja tão batalhadora...

PERIGOSAS ACHERON

O olhar de Lúcia era preocupado agora, e havia algo mais... era... *piedade*?

— Se prepare para essas mudanças e tente não surtar quando elas estiverem acontecendo. Uma coisa é falar de algo, outra bem diferente é vivenciá-lo.

Lu serviu mais café para ambas. Abandonou o tom grave, e voltou à brincadeira:

— Mas, me conta, ele beija bem?

Ângela sentiu o corpo relaxar. Exibiu seu sorriso aberto:

— Ele beija muito bem... O danado é muito bom em tudo que faz...

Renato estava mais bonito do que nunca em seu novo terno cinza, feito sob medida. Esperava o
PERIGOSAS ACHERON

fim do anúncio que seu assessor de imprensa, José Carlos, estava fazendo. A coletiva era para anunciar o namoro de Renato e Ângela, e o afastamento dela do cargo em virtude do novo relacionamento. O governador sabia que no resto do dia seria implacavelmente perseguido pelos repórteres. Ele estava nesse momento andando de um lado para o outro do gabinete, enquanto ouvia Ângela repassar seus compromissos da semana. Ela também estava bem bonita, com uma mudança sutil no vestuário elegante, de cabelos soltos, agora mais lisos, porém ainda usando os óculos, que lhe davam um ar mais inteligente. Seria substituída em sua função por Jaime Mathias, outro eficiente funcionário da cúpula, tão ético e fiel quanto ela própria.

A moça pousou a agenda no colo, interrompendo a leitura dos compromissos:

— A Lúcia acha que você não foi

PERIGOSAS NACIONAIS

espontâneo naquele dia que a gente começou. Ela acha que você já estava bem focado em me levar para cama.

Ele parou de andar, enfiou as mãos nos bolsos das calças, e deu um meio sorriso, olhando para ela:

— O que você quer que eu fale?

O ar travesso dele foi a confirmação para Ângela. Ela retrucou:

— E foi fácil, fácil, né?

— Não posso me queixar. Eu tinha umas ideias originais na cabeça. Dei sorte que essa funcionou.

— Ideias originais... Uma cantada normal não funcionaria?

— Você não levaria a sério. Ia achar que era brincadeira e eu ficaria falando sozinho. Você não me respeita.

PERIGOSAS ACHERON

Ela riu.

— E você me respeita? Como teve coragem de oferecer dinheiro para ver meu peito?

— Pôxa, mas era cinco mil. Se me oferecessem isso tudo, eu mostrava meu peito.

— Para você é tudo tão engraçado... As pessoas de bem, as normais, convidam as pretendentes para jantar, dançar...

— Se não fosse um compromisso de trabalho você não iria, te conheço — ele completou, em tom confidencial. — E você sabe que não estava receptiva aos meus avanços...

— Você está muito feliz consigo mesmo, não é, Renato?

O sorriso dele foi aberto.

— Ah, pode apostar nisso.

— Você é impossível!

— Obrigado.

Ângela desistiu de tentar conversar seriamente e reabriu a agenda do governador. Como fazer-se de ultrajada quando na verdade estava orgulhosa ao ter sido escolhida por aquele homem bonito e poderoso, entre tantas outras mulheres mais bonitas e elegantes que ela? E seria ridículo ficar criando confusão se o que eles tinham era amor, e não uma sedução à toa. Renato estava proclamando seu amor por ela para todo o estado, país e mundo, em todas as redes e mídias, e isso era encantador.

Prosseguiu a leitura a agenda em voz alta, despedindo-se de sua função de assistente, e Renato voltou a andar de um lado para o outro, absorto com as informações que ouvia e coordenando suas ágeis ideias.

A semana seguinte foi de puro romance. Renato mostrara-se um amante atencioso e criativo, ávido por compartilhar todas as artes do amor que conhecia.

Estavam sentados na sala de estar da casa dos pais de Renato, numa conversa animada, após o jantar delicioso oferecido pela elegante mãe dele, Heloísa.

— Bom, preciso dizer a vocês que estou muito aliviada. Não me canso de repetir que demoraram muito para se decidir — falou Heloísa. — E o Renato não corre mais o risco de cair nas garras de uma qualquer...

A irmã e o irmão de Renato soltaram uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vaia em uníssono, seguida por muitas risadas.

— Tadinho do meu irmãozinho inocente, agora a Ângela vai te proteger, tá bom? —disse Júlia, a irmã caçula, bem humorada, apertando a bochecha de Renato.

— Oh, cut, cut, meu bebê indefeso! — Samuel, o irmão mais velho completou —Alguma moça malvada tentou pegar você, foi?

A risada mais alta era a do pai de Renato, Hamilton, um político aposentado, influente e bonachão, que olhava a todos com olhos muito azuis e bondosos:

— Ele sempre foi muito paquerado, esse meu filho. Já bem antes de vocês estudarem juntos, viu Ângela?

— Ah, esse telefone nunca parava — completou Heloísa. — Muitas garotas ligando atrás dele.

PERIGOSAS ACHERON

— O que viam nesse feioso? — perguntou Júlia.

— Era pra ele fazer os deveres de casa delas. Desde criança era CDF — caçoou Samuel.

Renato não se incomodava nem em responder as piadas, adorava estar em família, e sentia-se tranquilo, porque também sempre haviam amado Ângela, as famílias eram amigas de longa data.

— Bem... — Levantou-se Samuel — A conversa está ótima, mas preciso ir. Amanhã vou bem cedo pra Brasília. Mãe, jantar delicioso, como sempre. Abraçou o irmão mais novo — Estou feliz por você, mano. Que bom vocês finalmente estarem juntos! — Olhou carinhosamente para Ângela — Vocês foram feitos um para o outro. Todo mundo já sabia.

Samuel, outro político bonitão da família,

cumprimentou a todos e deixou a casa.

— E os repórteres, Ânge, ainda perturbando você? — indagou a cunhada.

— O dia seguinte à coletiva foi um pouco desagradável. Alguns repórteres foram bem inconvenientes, até mal-educados. Queriam saber por que eu escondi o namoro todos esses anos, se eu estava grávida e precisava me casar às pressas, coisas desse tipo. Ainda bem que a maioria das pessoas tem sido bastante legal. Em geral querem saber alguma história romântica, tirar uma foto de beijo.

— Espero que vocês anunciem o noivado logo.

— Mamãe! — Júlia censurou a mãe. — Eles é que decidem isso.

— Besteira! Eles já se conhecem o suficiente. E político casado é sempre mais bem

PERIGOSAS NACIONAIS

visto. Sabem disso, não é?

— Isso é um fato verdadeiro — concordou
o patriarca da família.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Renato fazia judô desde criança. Começara a ensinar Ângela cerca de dois anos antes, e quando havia algum tempo disponível, como naquela manhã, praticavam em uma sala do apartamento dele, devidamente equipada para atividades físicas.

— Meu pai não pareceu muito surpreso conosco — dizia ela, enquanto tentava em vão derrubar o namorado —, aparentemente só eu mesma me surpreendi com nós dois.

— É. Eu já sabia que você era caidinha por mim— dito isso, derrubou-a no chão com um golpe de judô. Levava vantagem por sua altura e peso, e Ângela, bem menor, invariavelmente acabava

deitada no tatame.

— Eu adoro judô, sabia? — Renato estava numa posição que subjugava o oponente, praticamente sentado sobre ela, a face exibindo um sorriso divertido.

— Nota-se! Aqui, com esse tamanho todo, você pode vencer as pessoas de tamanho normal e ficar tripudiando — ela tentou desvencilhar-se.

— Você não tem tamanho normal, é pequena. E má perdedora. Jogue a toalha. Ou peça *por favor*, e eu lhe solto.

— Um bom vencedor não debocha do perdedor.

— Mas aí não teria graça vencer. E você sabe, eu sempre venço.

Ela conseguiu escapular, mas logo estava imobilizada novamente, resfolegando como um animal cansado. Renato divertia-se com as faces

vermelhas e a respiração ofegante de Ângela.

— Não sei por que a gente ainda treina. Ganhar de você já está ficando monótono.

— Você é tão insuportável! Seus eleitores precisavam ouvir essas coisas que você diz quando está distante dos holofotes.

— Sabia que no corpo a corpo de uma luta marcial dá pra tirar umas casquinhas bem legais de uma adversária como você? Notava que eu tirava bastante casquinha de você?

— Notava.

— Ah, safadinha, você notava e deixava. Estava até gostando, né?

— Eu ficava com pena de você, tão necessitado a ponto de tirar sarro na sua melhor amiga e funcionária. Parecia até aqueles cachorrinhos bonitinhos de madame, que se agarram na perna da gente tentando cruzar, e todos

acabam achando engraçadinho.

— Como você é baixa! Porque não desiste logo e admite que perdeu? — Ele se divertia cada vez mais.

Ela finalmente entregou os pontos e bateu com a mão três vezes no tatame em sinal de rendição. Ele ergueu-se, estendendo a mão pra ajudá-la. Ângela aproveitou o momento para derrubá-lo e ficar por cima dessa vez.

— Ei, isso não vale. Jogou sujo!

— Eu também não fui criada para perder!
— Ela deu uma risada e quando se inclinava para beijá-lo, uma batida na porta os interrompeu. Levantaram-se e permitiram que o assistente do governador entrasse. Jaime tinha uma expressão assustada no rosto:

— Bom dia. Lamento dizer que trago más notícias. É sobre o deputado Samuel, seu irmão.

Houve um acidente... Agora de manhã... O avião dele...

Renato sentiu a garganta apertar.

— Como ele está? — perguntou, já sabendo a resposta.

— Sinto muito, senhor... Ele, os outros dois deputados e o piloto... Ninguém sobreviveu ao acidente.

— Onde?

— Na divisa do estado.

— Como foi isso? — Ângela estava chocada.

— Parece que houve uma pane nos motores. Está sendo investigado. Sinto muito, governador.

Renato há anos havia aprendido a esconder suas emoções. Nunca tinha sido fotografado com uma expressão raivosa, ou fazendo cara de desprezo ou de surpresa quando os repórteres

procuravam dar-lhe uma notícia bombástica em público. Suas fotos sempre exibiam uma expressão serena ou simplesmente austera. Algumas vezes, para delírio de suas admiradoras, deixava-se clicar dando uma boa risada, com a cabeça jogada pra trás, de olhos fechados e mãos nos bolsos, rodeado de amigos que faziam questão de dividir com ele suas melhores piadas. Nesse exato momento seu rosto era uma máscara. Dirigiu-se a seu assessor:

— Cancele meus compromissos de hoje. Refaça a agenda de amanhã com o vice-governador, ele me substituirá. Mande preparar meu avião particular, pois irei hoje mesmo ao local do acidente reconhecer o corpo e trazer meu irmão de volta pra casa. Telefone pra minha família avisando que eu resolverei tudo e que minha cunhada deve ser poupada de fazer o reconhecimento. Iremos apenas eu e Ângela, e ela me ajudará no que for necessário. Você deve ficar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resolver o que puder por aqui. Não sei exatamente quanto tempo ficarei fora, então teremos que manter contato.

O secretário assentiu com a cabeça e deixou a sala para providenciar tudo que lhe havia sido pedido.

Ângela pôs a mão sobre a de Renato, e aquele homem grande e poderoso finalmente chorou.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Com a correria para a viagem, combinada com um dia quente de verão, Ângela chegou ao apartamento do governador já bastante suada. Trazia uma mala pequena e uma bolsa de mão. Acostumada a viajar a trabalho, arrumava suas coisas de forma eficiente e rápida.

Ao entrar no quarto, percebeu o quanto Renato estava agitado. Ele percebeu que ela estava com o rosto rosado de suor, e puxou-a em direção ao banheiro:

— Precisamos de um banho.

Ele ajudou-a a se desfazer das roupas e despiu-se também, entrando juntos debaixo do chuveiro. Ficaram abraçados muito tempo debaixo

PERIGOSAS NACIONAIS

da água fria, apenas compartilhando a presença um do outro.

Aquele momento, íntimo, pessoal, e tão significativo, era mais um sinal do intenso amor que os ligava. Não necessitavam palavras, não necessitavam sexo. Apenas um do outro, da presença, do abraço, do toque, e mais do que qualquer coisa, do apoio que sua união podia dar.

Ao saírem, Ângela percebeu o namorado menos angustiado.

Ela acreditava que ele só precisaria se acalmar um pouco para conseguir controlar o turbilhão de emoções que devia estar sentindo. Conhecia-o bem e sabia que ele não gostaria de admitir que estava desorientado, pois achava que deveria sempre ser forte e resolver todos os problemas que surgissem.

PERIGOSAS ACHERON

Estavam agora no avião particular da família de Renato e ele já estava com suas emoções devidamente controladas. O casal viajava silencioso, cada um absorto em seus próprios pensamentos. O governador estava mergulhado em lembranças da infância ao lado do irmão, em conversas marotas sobre mulheres quando eram adolescentes, no recente jantar em família. Com esforço afastou as recordações, a memória fantástica parecendo-lhe um peso demasiado agora, atrapalhando-o de pensar com clareza sobre as providências que teria que tomar ao chegar a seu destino. Procurou focar em outras lembranças e começou a pensar em seu relacionamento com Ângela. Estava completamente apaixonado, como nunca antes estivera. Era espantoso que uma

relação tão antiga de amizade pudesse tomar aquela nova roupagem. Era como se ele não a conhecesse antes e tudo entre eles parecesse novo. O desejo por ela era avassalador e queria possuí-la de todas as formas e sentidos. Não se imaginava tão possessivo.

As pessoas falavam muito para ele que devia casar-se logo, já que a conhecia há anos. Mas quem entenderia se dissesse que tinha muito medo de que a comodidade de um casamento trouxesse de volta a velha amizade assexuada que tinham antes? E se a paixão se perdesse na ânsia de dar uma satisfação à sociedade? Tinha consciência de que na posição a qual se encontrava já devia estar casado, que na idade dele, trinta e quatro anos, os outros políticos já tinham até filhos. Quantos prefeitos, governadores ou presidentes eram solteiros? Pouquíssimos, na verdade. Os eleitores gostavam de eleger pessoas que tinham

PERIGOSAS ACHERON

relacionamentos sólidos, que demonstrassem caráter no qual se espelhar. Em algum momento deveria tomar uma decisão, mas não tinha muito ânimo para pensar nisso agora, nem discutir o assunto com ninguém. Virou-se um pouco para olhar a namorada ao seu lado, enquanto estirava as longas pernas sobre uma das poltronas vazias que ficavam voltadas para a sua frente, como se fosse uma sala de reunião. Em que momento exatamente começou a enxergar a velha amiga com outros olhos? Não conseguia precisar muito bem, mas lembrava de ter ficado sem fôlego ao vê-la numa festa usando um vestido vermelho provocante, decotado, bem diferente de seu estilo habitual. A roupa mostrava os contornos dos seios, e era impossível não notar os bicos durinhos destacados no tecido. Ela não estava usando sutiã e Renato surpreendeu-se quando percebeu que estava tendo uma ereção ao olhá-la. Vários homens aquela noite

PERIGOSAS ACHERON

ficaram perturbados ante a visão de Ângela circulando pela festa. Alguns comentaram com ele que ela era deliciosa, e que nunca haviam notado isso antes. Renato disfarçava o ciúme crescente com um sorriso ou um comentário de que ela era só para olhar, e não tocar. Incomodara-o vê-la cercada de homens, de todas as idades, ansiosos por sua atenção. Os mais jovens escancarando nas cantadas. Quando se aproximava dela, o governador tinha dificuldade para não olhar direto para seu decote ou seu bumbum. Agradecia agora ao fato de saber esconder seus sentimentos na maior parte do tempo. Horrorizava-o a ideia de que alguém na festa, principalmente ela, notassem seu desejo.

Conteve-se para se manter respeitoso nessa noite, mas a partir desse dia a atração ia aumentando, e ele começou a tocá-la de forma mais insinuante: nos ombros, na cintura, nos cabelos

PERIGOSAS ACHERON

sedosos e cacheados. Em algum momento, ele sabia, ela começaria a perceber os sinais que ele estava enviando. O fato de terem estudado nas mesmas escolas, e na mesma faculdade, traziam agora uma intimidade que atrapalhava uma estratégia direta, então ele foi avançando devagar, os olhares propositalmente intensos, as brincadeiras mais maliciosas, os rostos mais próximos ao falar com ela. Ansiava por levá-la ao tatame, mudando golpes e inventando posições, aproveitando o desconhecimento dela sobre o assunto para roçar-se em seu corpo de tal forma que às vezes até mesmo ele achava que estava passando dos limites. Ângela não protestava, e ele não conseguia saber se ela notava e estava gostando, ou se simplesmente não conseguia perceber a rigidez que se comprimia contra ela com tanta insistência. Sentia-se desarmado pela falta de reação daquela mulher diante de seus avanços. O perfume dela, sempre

PERIGOSAS ACHERON

próxima a ele, começou a atrapalhar seus pensamentos, e em breve iria prejudicar também seu trabalho se continuasse nesse ritmo, a fixação com o corpo dela tomando incômodas proporções. Era necessário resolver logo aquele problema, e decidiu dar um basta na situação com um plano louco, que a tomasse de surpresa demais para que reagisse de forma negativa. Quando ela aceitou tirar a blusa para ele, Renato teve que conter-se para não pular de alegria! Será que ela pensava que ele ficaria só olhando mesmo? De jeito nenhum que ele ficaria só olhando. Quando ela falou “*está bem*”, ele já tomou o sexo como consumado, e foi exatamente o que aconteceu. Agora ela estava com ele, de corpo e alma, e não permitiria que nada atrapalhasse o que havia demorado tanto para conseguir.

Ângela passou os olhos distraidamente pelo avião. Tinha uma antiga fantasia sexual que a

PERIGOSAS ACHERON

assaltava toda vez que fazia uma viagem aérea: imaginava um desconhecido bonitão levando-a para uma cabine minúscula ou um banheiro e beijando-a ardorosamente. Imaginava as mãos dele em seus seios e os amassos quentes que dariam. Às vezes o desconhecido era um homem louro, às vezes negro, ou moreno. Ela recordou-se que, certa vez, havia algum tempo, o rosto que tomou forma em sua fantasia foi, para seu espanto, o rosto de Renato. Em sua fantasia ele a puxava pela mão e se trancavam no banheiro do avião. As pessoas sentadas nas poltronas nada percebiam. Os beijos eram intensos, as mãos fortes tocavam-lhe o corpo, insinuando-se por dentro de sua saia. Ela podia ver os olhos faiscantes, aquela mistura impressionante de verde, dourado e azul... A imagem se formou tão vívida que Ângela sentiu-se excitada, quente, com certeza umedecera a calcinha... Que devaneio incrível! Cruzara as pernas, apertando forte para

PERIGOSAS ACHERON

conter-se, cravando as unhas no braço da poltrona. Mordera o lábio, e foi nesse momento que o olhar dela pousou sobre o do governador, o real, o de carne e osso, sentado em frente a ela, olhando-a direta e profundamente. Ficou sobressaltada. Os lábios dele estavam entreabertos, e ela nunca havia notado como eram sensuais. Ele passou a língua sobre os lábios, e Ângela sentiu o rosto esquentando. Renato parecia ter adivinhado os pensamentos dela, e provavelmente já estava há alguns minutos a observando, vendo o desejo em seu rosto, o movimento retesado de seu corpo e talvez até a excitação nos seus mamilos. Baixou os olhos imediatamente para seus seios ao pensar isso, e para sua surpresa, ele acompanhou seu olhar, detendo-se também em seus seios. Ela o encarou novamente, e ele retribuiu seu olhar com um sorriso malicioso no canto da boca.

Não tornou mais a encará-lo, e evitou seus
PERIGOSAS ACHERON

olhos o resto daquele dia. A partir de então, flagrou-se pensando em Renato de forma pecaminosa. Afastava os pensamentos impróprios vigorosamente. Em todos os anos de amizade, estudando nas mesmas instituições, ainda que em salas diferentes porque ela era um pouco mais jovem, apesar de sempre achá-lo bonito, não tinha interesse amoroso nele, e se entendiam tão bem como amigos que achava engraçado quando alguém insinuava que tinha algo a mais ali. Pensar em namoro, ou sexo, mudaria tudo. E se o namoro não desse certo, seria o fim da amizade entre eles e entre suas famílias. A coisa piorou quando começou a ver nele reflexos dos pensamentos dela própria. Os olhares insinuantes se intensificaram e as brincadeiras ficaram mais atrevidas. Ângela estava disposta a ignorar tudo isso, esforçando-se para acreditar que era apenas imaginação sua. Mas as mãos dele... Pareciam ter vida própria. Certa vez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Renato tocou-lhe a cintura e depois deslizou até seu bumbum, e ela precisou dar um tapa estalado na mão boba para que ele a retirasse. O amigo espantou-se, ergueu as sobrancelhas e murmurou que havia sido apenas “*um acidente*”. Bem, os “*acidentes*” pareciam aumentar a cada dia. Embolavam-se no tatame com mais frequência, em golpes que geralmente a deixavam por baixo dele. Sentia o membro ereto e firme roçando nela e dizia a si mesma que qualquer homem normal ficaria assim no calor da luta, que era uma excitação involuntária. Numa dessas lutas, porém, em um movimento que até hoje ela não conseguia entender, ele a derrubou e enfiou-se entre suas pernas num golpe que mais parecia ter saído das páginas do Kama Sutra que de um manual de judô. Na verdade, se estivessem nus, aquilo seria sexo, e ele estaria completamente dentro dela. Encarou-o, a face bem próxima à sua, o olhar de total volúpia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia mais dúvidas, e os lábios dele vieram se aproximando de sua boca... Ângela deu um pulo, levantando-se, murmurou uma desculpa e saiu quase correndo. Que confusão ela havia criado graças à cara de pervertida que devia ter feito dentro do avião no dia de sua última viagem! Botara ideias maliciosas na mente do amigo. Aquilo só podia ser uma loucura passageira, embora a ousadia dele já estivesse se estendendo por tempo demais. Havia se passado algum tempo quando ele investiu novamente, e afinal obteve sucesso... Bom, no final das contas não havia sido imaginação sua, e estava tudo muito bem agora. A ansiedade havia se dissipado.

O piloto avisou que aterrissariam em breve, e eles foram tirados de suas divagações e lembranças.

Mesmo não achando a hora muito propícia,

PERIGOSAS ACHERON

Ângela segurou Renato pelo braço, e perguntou-lhe:

— Foi no avião, não foi?

Renato não entendeu a pergunta, e olhou para Ângela com as sobrancelhas franzidas:

— O quê?

— Foi no avião que você começou a se interessar por mim. Na viagem para a reunião sobre o meio ambiente. Nós estávamos de frente um para o outro, eu estava... Pensativa. Você ficou me olhando.

Renato não precisou pensar muito para lembrar-se daquele momento. Ele sorriu.

— Ah, lembro disso. A sua expressão não era pensativa. Era outra coisa. Me fez pensar em sexo.

— Qualquer coisa faz você pensar em sexo.

Renato assentiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Verdade. Mas não foi nesse dia. Eu já estava de olho antes disso, desde a festa de aniversário do prefeito. Você estava de vermelho. Que roupa era aquela? Meu Deus... Fiquei alucinado.

—Ah, no dia da festa! Bem que achei você estranho lá, falando comigo secamente. Pensei que era mal humor. E você foi um dos poucos que não ficou olhando o meu decote. Fui tão assediada naquela noite que nunca mais usei o vestido.

— Se você for usá-lo de novo, me avise antes. Vou aumentar a segurança a sua volta. Uma mulher como você usando um vestido daqueles endoida caras como eu.

A conversa descontraída foi como um bálsamo para os nervos do governador. Sentiu-se agradecido pela presença de Ângela, e por ainda conseguir sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

Logo que desceram do avião foram levados ao local do acidente, onde as equipes de salvamento e da polícia estavam trabalhando. Os guarda-costas seguiam o governador a uma distância respeitosa, que não lhe tolhia os movimentos e nem o expunha demais.

Os jornalistas mantinham-se à distância, contidos por cordões de isolamento.

Renato não voltou sua atenção para eles em nenhum momento, mas notou os flashes. *Abutres!*

Pela primeira vez esteve perto de perder a paciência com os repórteres, mas o bom senso prevaleceu, mesmo naquele momento de dor. Era uma pessoa pública, sabia que seria notícia enquanto estivesse em evidência, para o bem ou para o mal.

O governador foi apresentado ao bombeiro que chefiava a operação. Era um homem alto, largo

e forte, aparentando uns cinquenta anos. Estendeu logo a mão, amigavelmente, tirando as luvas:

— Tenente Coronel Borges.

— Renato Gomez. Meu irmão estava no vôo. Essa é Ângela Assunção, minha namorada.

O chefe dos bombeiros cumprimentou a moça e voltou-se para o governador.

— Sim, eu sei. O negócio ainda está bem feio, vocês não devem passar daqui, nem atravessar aquela faixa amarela.

— Eu quero ver meu irmão — disse Renato, contornando o bombeiro, que prontamente barrou-lhe a passagem.

— Acho que não fui claro. O acidente foi mesmo muito feio, e ainda não conseguimos organizar tudo. Os peritos estão recolhendo os corpos, vão arrumá-los, fazer reconhecimento, e só depois disso reunir as famílias. Estamos pedindo

que, se possível, nos seja entregue o histórico dentário da pessoa falecida. Em alguns casos só conseguiremos o reconhecimento pela arcada. Deixe, por favor, o telefone do hotel onde estará hospedado e aguarde contato. Há um protocolo da Aeronáutica a seguir, e a polícia está acompanhando tudo. Deixe o telefone de onde o senhor está hospedado com ele. — O bombeiro apontou um homem não muito longe deles.

Renato não desviou os olhos em direção ao homem indicado. Continuava olhando firmemente o bombeiro.

Borges pôs as mãos nos ombros de Renato e sua voz adquiriu um tom bondoso, paternal, que deveria ter sido usado já dezenas e dezenas de vezes em situações semelhantes. Olhou-o bem nos olhos:

— Vá descansar da viagem, filho, e esfrie a

cabeça. Ninguém deve ver um ente querido do jeito que este está agora. Deixe que seu irmão descanse na sua memória como era em vida, fixe-se nas boas imagens que tem dele.

Renato tinha os olhos agora cheios de lágrimas, e não tentou esconder os sentimentos diante daquele senhor gentil. Abaixou a cabeça, concordou e afastou-se, tendo Ângela ao seu lado.

— Meu irmão foi destroçado... Como eu vou dizer isso pra minha mãe?— Ele estava pálido.

— Não conte sobre isso. Fale apenas o essencial, que não o pudemos ver ainda.

— É terrível!

Ela parou diante dele disposta a encorajá-lo, como já havia feito em outras ocasiões:

— Respire fundo, Renato, mantenha o foco. Nós viemos aqui para resolver as coisas e não podemos entrar em pânico. Vai, respira fundo!

Outra vez!

Ele obedeceu, de forma quase mecânica, como se estivesse em outra dimensão. Logo a cor começou a voltar às suas faces, e a respiração pode normalizar.

— Vamos nos ocupar com a nossa hospedagem agora — continuou ela — e tomar providências com o traslado do Samuel.

— Eu pensei que pudesse fazer tudo isso sozinho, mas acho que não conseguirei, Ânge.

— Você é forte, mas faremos tudo isso juntos, você não está sozinho

O delegado aproximou-se, com um homem ao seu lado. Depois de se apresentar, antes mesmo que Renato cobrasse dele respostas, adiantou-se:

— Estamos investigando as causas do acidente.

— Interessa a todos saber qual falha causou

o desastre que vitimou meu irmão e os outros homens.

— A companhia a qual o avião pertence garantiu haver feito manutenção nessa máquina semana passada.

Renato teve um pressentimento ruim.

— Como assim? Foi um acidente ou não foi?

— Governador, não estamos certos de que foi um acidente. Peritos estão investigando as peças, e trabalhando com afinco para trazerem respostas rápidas para todos, dada a importância de quem estava viajando.

— E se...

— Se não for acidente... Trabalharemos com a hipótese de crime premeditado.

— Os deputados seriam os alvos?

— Acreditamos que sim. Todos os três ou

apenas um deles. Todas as possibilidades devem ser pensadas. Meu melhor investigador acompanhará o caso.

O outro homem apresentou-se como Mauro Andrada, apertou a mão do governador e de Ângela, e prometeu atenção total ao acidente que havia vitimado várias pessoas, incluindo o irmão do governador.

Depois de mais algumas trocas de informações essenciais, os policiais afastaram-se.

Renato ficou fitando o vazio, cheio de dúvidas e temores. Teriam de fato planejado aquele acidente? Por quê?

Capítulo 7

O casal seguiu para o hotel previamente reservado. Enquanto o governador falava ao celular com Jaime, Ângela tratou de descobrir a melhor e mais eficiente forma de conduzir os restos mortais do cunhado à sua cidade de origem. Ela estava ansiosa para ajudar, e retribuir de alguma forma todos os anos de amizade e auxílio que o namorado já havia lhe prestado. Quantas vezes ela e sua família tiveram problemas que Renato, de forma rápida e prática, algumas vezes com um simples telefonema, conseguira resolver?

Quando pesava na balança, via que ele havia feito por ela muito mais do que ela fizera por

ele. A coisa mais relevante de que se lembrava havia sido ajudar Renato após um porre homérico, passando a noite acordada a velar pelo amigo, tratando-o e salvando-o do vexame de parar no hospital por coma alcoólico. Até o conteúdo do estômago dele, esparramado pelo banheiro, ela limpou naquele dia! *O que não se fazia pelo melhor amigo, heim?* Levá-lo à emergência hospitalar era impensável! O escândalo seria desastroso para a família dele. Tudo havia acontecido após levar um fora da namorada pela qual era apaixonado então. Na época ele ainda estava engatinhando na vida política, ficara inconsolável, e tentou afogar as mágoas na bebida. Ângela tamborilou os dedos no queixo, pensativa. *Essa história havia acontecido há quantos anos atrás?* De repente foi despertada de seus pensamentos por um abraço de Renato.

— Obrigado pelo que está fazendo, meu anjo. Você é uma mulher maravilhosa, e prometo

PERIGOSAS ACHERON

sempre ser o homem mais cuidadoso, atencioso e amoroso do mundo para você.

Ela correspondeu ao abraço, emocionada demais para dizer alguma coisa. Assentiu com a cabeça, deixando-se envolver por aquele momento único.

Capítulo 8

Na noite seguinte o investigador Mauro Andrada foi até a suíte de Renato e Ângela.

E trouxe a confirmação de que a queda do avião não fora um mero acidente, e sim, proposital.

Renato estava preparado para isto, e mesmo assim sentiu o peito oprimir-se.

O policial continuou:

— Então é isso, governador. Investigações preliminares da nossa equipe indicam que o alvo poderia ser o seu irmão.

— E quanto aos outros que estavam no avião, nenhum deles tinha problemas ou inimigos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não encontramos nada, nenhum motivo, nenhum desafeto. Os outros dois deputados eram homens sem destaque, sem brilho. O piloto, coitado, era um homem comum, quem iria precisar derrubar um avião só para acabar com ele? Francamente, tudo nos leva a seu irmão, ele era bem conhecido, bem popular. Porém, ele era um tremendo conciliador. Todos que o conheciam gostavam dele, não achamos nenhuma razão que justificasse um ato desse porte. Quem derrubou o avião planejou bem, queria causar comoção, e tinha dinheiro para comprar os meios que causaram o desastre. Não deixou rastros que pudéssemos seguir. Portanto estamos trabalhando com suposições.

— Entendo.

— Não descartamos crime passional. Ele tinha alguma amante?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu irmão? Não, ele não era desse tipo. Sempre foi fiel à esposa.

— Bom, ele tinha ótima aparência, e era rico. Era de se esperar que as mulheres o assediassem.

— Ah, sim, naturalmente. Mas ele sempre soube desvencilhar-se com elegância. As mulheres só faltavam agradecer por ser dispensadas. Ele era muito lisonjeiro com todas. Eu mesmo vi a situação acontecer várias vezes. Pode esquecer isso.

— Ele não possuía inimigos, não tinha esqueletos no armário, não estava envolvido em nenhum escândalo ou campanha que pudesse incomodar outras pessoas... — O policial olhou com firmeza para o governador — Então compreende que acabamos chegando ao senhor.

— Imagino que sim.

— Do que estão falando? — Espantou-se

PERIGOSAS ACHERON

Ângela.

— Eu avisei que trabalhamos com diversas hipóteses. Quem fez isso com o deputado Samuel Gomez podia estar querendo mandar um aviso ao governador.

— Assim que meu assistente falou sobre a polícia estar no local do acidente, pensei que meu irmão tivesse sido vítima de um crime. E então imaginei porque isso teria acontecido. E pensei que pudesse ser por minha causa.

— Mas isso é horrível! Quem poderia fazer essa crueldade? — Ângela estava horrorizada com aquela ideia.

— É isso que queremos saber, senhora.

— Bem, se quer saber, não tenho nenhum adversário que me deteste tanto assim, e eu também não sou um tipo que cria confusão.

— Eu sei que o senhor não é um homem de

PERIGOSAS NACIONAIS

causar confusão, nem de ofender as pessoas. Sei que as suas características também são conciliatórias e que muita gente o adora, mas sua posição é bem diferente da posição que seu irmão ocupava. Suas decisões afetam diretamente as vidas de muitas pessoas, e suas ações às vezes precisam ser enérgicas. Queremos deixá-lo ciente da situação, pois vamos investigar muitas pessoas e isso pode demorar. Seria prudente colocar sua família sob proteção.

— Agradeço muito sua atenção quanto a esse ponto.

— Tenho que perguntar, o senhor entende...

— Olhou Ângela de soslaio.

— Vá em frente. — O governador já imaginava o teor da pergunta.

— O senhor é solteiro, ou era, até bem pouco tempo...

PERIGOSAS ACHERON

— E acha que uma mulher raivosa pode ter feito isso. — Mesmo estando de costas para Ângela podia sentir o olhar dela em sua nuca. Mas pedir para deixá-los a sós só pioraria as coisas. Então se resignou a responder sinceramente tudo o que lhe fosse perguntado.

— O senhor sabe que é possível.

— Mas acho que não no meu caso. Fui muito namorador quando era mais jovem, não hoje dia.

O investigador sorriu:

— Desculpe insistir na questão, mas não é o fato do senhor ter aprendido a ser mais discreto não significa que deixou de ser um conquistador, isso eu não sei. E, francamente, não importa. Não desejo ser impertinente, só quero saber se há algum nome que se destaque. Lembra-se de algum relacionamento que acabou mal, ou de alguma

mulher mais rancorosa que não aceitou o término do caso que tiveram?

Renato balançou a cabeça em negativa.

O investigador insistiu.

— Tudo pode ser importante, senhor. Talvez alguma situação que tenha ficado desconfortável ou mal resolvida, uma relação tempestuosa com uma mulher de gênio difícil?

Uma situação que tenha ficado desconfortável ou mal resolvida?

Renato sempre se lembrava de tudo, e claro que lembrava também de Maria Carmem Lira, uma socialite estonteante, com quem havia feito amor torridamente durante uma festa, não havia tanto tempo atrás. Recapitulou o acontecido.

Tinha comparecido à festa sem a assistente, acompanhado apenas de seus seguranças. Aquela noite havia se dado ao luxo de tomar algumas taças

de champanhe na varanda de uma esplêndida cobertura, acompanhado de uma loura de parar o trânsito. Bebera muito mais que habitualmente. A mulher também havia tomado algumas taças, e a conversa sedutora entre eles atiçou todos os instintos de Renato. Ela usava um vestido amarelo, fino, com um decote provocativo, que valorizava um par de seios impressionantes. Renato começou a tocá-los ali mesmo, na varanda, com mãos e boca, sobre o tecido. Além da mulher à sua frente ser linda, usava uma roupa que lembrava a que havia visto sua secretária usar alguns dias antes, e a semelhança aguçava ainda mais o desejo dele. Não podia arriscar a ser visto apalpando uma mulher em público, e nem tinha intenção de esperar chegar a um quarto para aplacar seu apetite, de modo que a levou a um dos banheiros da festa, que era bem recuado, e, com seus seguranças à porta para evitar que fossem flagrados, fizeram sexo. Chegaram tão

PERIGOSAS ACHERON

excitados ao banheiro que não esperaram tirar suas roupas. Ele afastou a calcinha de Maria Carmem e a invadiu num frenesi que a fez gritar alto de prazer. Tinha certeza que os seguranças do lado de fora deviam estar achando graça dos gritos que chegavam aos seus ouvidos, mas não se importou com isso nem um pouco. Pelo contrário, estava mais excitado que nunca. Pareciam animais fazendo sexo, ele arrancava dela novos gritos, num misto de prazer e dor. Fez com ela, lá dentro, tudo que podia pensar. Ela ia consentindo, em êxtase, coisas que geralmente as mulheres não consentiam com facilidade. Renato aproveitou tudo ao máximo, entusiasmado com sua própria performance.

Quando tudo finalmente acabou, ele a beijou e olhou divertido para os cabelos desgrehados dela, coisa que não era difícil de consertar. Porém o maior estrago era o vestido. Estava totalmente amassado, úmido de suor e havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manchado na altura dos seios, onde a boca de Renato havia estado de forma ávida. Imaginou que ela precisasse lavar a peça e esperar que secasse para que a aparência ficasse melhor, e que isso iria demorar, ainda mais ali, dentro de um banheiro com pouca ventilação. Então Renato deu-lhe outro beijo e deixou-a ali para que se recompusesse.

À porta, abotoou os botões de seu paletó, olhou os seguranças e sorriu:

— Linda noite, heim? Vamos embora, rapazes.

Escapuliu da festa sem que ninguém tivesse sabido de sua aventura, orgulhoso de sua virilidade.

Desconsiderou completa e propositadamente sua acompanhante, como se ao invés de uma mulher com quem tivera momentos cheio de paixão, Maria Carmem fosse um objeto descartável.

PERIGOSAS ACHERON

Um cavalheiro teria providenciado para ela cobertura, no mínimo um casaco para cobrir-lhe o vestido que continha manchas tão incriminatórias. Um homem decente teria levado a mulher para casa, protegida dos olhares especulativos de terceiros. Mas ele estava bêbado, e sua arrogância e egoísmo alcançaram níveis máximos naquela noite. Apenas no outro dia deu-se conta de sua horrível atitude.

Era tarde demais para consertar seu erro.

Nas recepções seguintes a que compareceu e avistou a bela Maria, esforçou-se para evitá-la, mesmo notando seu olhar insistente.

Em uma ocasião ela estava excepcionalmente linda, toda de azul, combinando com seus olhos. A cabeleira loura brilhante emoldurava o rosto de lábios carnudos. Deixou que ela se aproximasse porque já sentia o desejo

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente crescendo e esperava aplacá-lo da mesma forma que havia feito antes. Certamente, dessa vez, se mostraria mais atencioso, não a deixaria sozinha para resolver uma situação difícil. E estava sóbrio. Era a oportunidade certa para redimir-se. Quando ela se aproximou, falou bem próxima a ele:

— Esperei muito que você me telefonasse.

— Eu ia telefonar — respondeu, dando um sorriso galante.

Mas o olhar dela era duro:

— Mentira! E você nem mesmo se preocupou de me proteger de um constrangimento naquela noite em que ficamos juntos. Tive que sair de lá sorrateiramente, dizendo à anfitriã que um garçom havia causado um acidente com a bandeja e por esta razão minha roupa estava molhada. E você pode ser um bom ator, governador, mas seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hoje não me engana. Se você pensa que me aproximei agora para que você abusasse de mim novamente, está enganado.

Renato estava envergonhado, mas ainda assim tentou sorrir:

— Abusei de você? Francamente, Maria! Você estava gostando de tudo. Talvez o champanhe...

— Não foi o champanhe! Você fez o que quis comigo naquele banheiro, e eu consenti não por causa da bebida e nem por ser uma mulher fácil. Eu consenti tudo a você naquela noite porque era VOCÊ. O incorruptível, o respeitável, o honesto e leal governador Renato Gomez, que eu admirava e amava secretamente. Sempre apoiei abertamente você, em cada candidatura e projeto, sabe disso!

Lágrimas surgiram nos olhos dela, e Renato olhou horrorizado para os lados, alarmado com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possibilidade de um grande escândalo. *Mesmo naquele momento, preocupava-se mais consigo mesmo do que com a mulher a quem havia constrangido! Que canalha era!*

— Não vou fazer alvoroço, eu também tenho um nome a zelar. Não fico com qualquer um. Acredite, não sou uma vagabunda. Mas você me fez sentir como se eu fosse uma. Você me decepcionou e me humilhou demais.

Renato estava embaraçado. De fato a julgou uma mulher fácil, e não se preocupou com seus sentimentos. E ela realmente o havia apoiado incondicionalmente em cada um de seus atos relacionados à política nos últimos anos. O posicionamento dela o ajudara diante da alta sociedade do estado.

— Desculpe-me, Maria. Eu lamento muito minha atitude.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu lamento ainda mais que você — respondeu ela, enxugando as lágrimas —, e é impossível perdoá-lo.

Renato voltou ao tempo presente, ainda ruminando suas lembranças. Tinha sido um calhorda da pior espécie, egocêntrico, machista, todas as coisas que abominava num homem. No entanto, não citaria detalhes sobre seus terríveis atos. Também não queria acreditar que, por ter se comportado como um safado, uma única vez, houvesse sentenciado à morte seu irmão, e ainda causado a morte de mais três inocentes. *Era um pesadelo! Não, não era possível!* Renato piscou algumas vezes, sentindo uma dor de cabeça súbita. Repetiu para si mesmo que não era possível que fosse por causa de sua atitude que mortes foram provocadas.

Ainda assim, respondeu ao policial:

— Há uma mulher. Talvez rancorosa. Maria Carmem Lira.

Mauro arqueou as sobrancelhas, surpreso. A mulher era uma milionária famosa, mais bonita que a maioria das modelos. Renato sabia que Ângela também estava surpresa, e havia se sentado próxima a eles.

— Pode me falar o que houve?

Renato voltou os olhos para Ângela. Ela deu de ombros.

— Foi apenas sexo, em pé dentro de um banheiro, numa noite de festa. Já faz algum tempo. Eu não fui nem um pouco cavalheiro depois. Fui embora e deixei-a numa situação embaraçosa.

— O senhor forçou-a ceder? Não vou prendê-lo por estupro se não houve queixa, mas preciso saber a verdade, governador.

O olhar de Mauro era duro. Renato tentou

PERIGOSAS NACIONAIS

não ofender-se com a acusação, compreendendo que a questão era pertinente.

— Não, não forcei absolutamente nada. Foi tudo consentido. Só que fizemos tudo mesmo. Tudo o que puder imaginar.

— Acredita que a senhora ofendeu-se? Sentiu-se usada, depois?

— Sim, exatamente isso que penso.

— E foi usada, de fato — disse Ângela, secamente.

— Não me orgulho da minha atitude, agi como um adolescente idiota, e pedi desculpas depois. Mas ela disse que não me desculparia.

Ângela não encarou Renato.

O investigador percebeu o clima pouco amistoso entre o casal, mas prosseguiu:

— Alguma outra mulher?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos verificar. Mas, uma aventura dessas, de apenas uma noite, não pode ser considerada anormal. Estar ofendida por isso é que não parece usual, se ela aceitou seu convite para... ahn... uma diversão rápida no banheiro... — Andrada despediu-se.

Renato suspirou, enfiando as mãos nos bolsos ao voltar-se para a namorada:

— Me desculpe por isso, Ângela.

A expressão dela era sombria.

— E pelo que exatamente você está se desculpando? Por ter sido um cafajeste com aquela mulher, que sempre o apoiou em suas campanhas, ou por ter mentido para mim dizendo que não transava há um ano?

— Seja pelo que for, esse comportamento desconsiderado pode ter custado a vida do meu irmão. Parece punição suficiente para o ato de um

toló.

Renato estava deitado, mas não conseguia dormir. Não bastasse a trágica morte de seu irmão e a suspeita de crime premeditado, ele ainda havia causado um mal estar com Ângela. Não tentou falar mais nada, e nem sabia o que dizer.

Na realidade Ângela nem sequer olhava para ele depois de ouvir a confissão sobre seu comportamento desprezível com outra mulher. Será que ela só estava enciumada? Estaria remoendo os fatos, colocando-se no lugar de Carmem e formando em sua mente aquele famoso círculo de proteção e união do sexo feminino?

Droga!

Ele abafou um suspiro. Temia que o que

para ele houvesse sido apenas um jogo, se transformasse na ponta do iceberg que iria afundar seu relacionamento. Naquele momento, vivenciando a perda do irmão, o apavorou que Ângela pudesse ter dúvidas em relação a ele e também partisse. Não desejava lidar com mais nenhum tipo de perda agora. Compromissos atrasados de governo, enterro, crise com a namorada... O panorama não era nada bom... Mas era intrigante descobrir que brigar com Ângela o preocupava acima de tudo no momento. Gostaria de poder consertar isso, tão facilmente como resolvera as coisas para ela no passado. Esperava que a namorada estivesse menos aborrecida pela manhã, pois sempre se mostrara sensata. A questão, pensou tristemente, é que as mulheres podiam surpreender sempre, e era o que invariavelmente faziam.

No dia seguinte acordou assustado,
PERIGOSAS ACHERON

procurando a amada, e ficou aliviado ao vê-la dormindo ao seu lado, tão serena, com uma beleza tão simples e honesta que encheu-lhe de ternura. Ela não havia partido, não tinha intenção de deixá-lo! Começou a cobri-la de beijos, e Ângela moveu-se languidamente. As mãos dele corriam gentilmente por suas coxas, e ela o envolveu em seus braços, gemendo bem baixinho a cada toque. Quando já estava prestes a possuí-la, no entanto, Ânge o empurrou de forma abrupta. Levantou-se rápido, um pouco arquejante, com uma expressão ainda mais surpresa que a dele.

— O que foi isso? — ele indagou, irritado.

— Eu...

Ângela titubeou. Então respondeu num balbucio:

— Eu não quero.

— Mas parecia que queria há alguns

segundos.

— Eu preciso ir ao banheiro.

Ela afastou-se, e Renato ouviu um trinco se fechando. Enquanto estava sozinho teve tempo suficiente para pensar. Não era só a Maria Carmem, não era mesmo. Havia outra coisa ali, outro problema. Sentiu-se subitamente cansado. Lidar com uma mulher caprichosa era a última coisa que queria agora. Conhecia Ângela há anos, mas nunca tinha visto essa faceta. A relação de amizade mudou, e parecia que as reações dela também.

Essa atitude inesperada... Renato não estava acostumado com rejeição. A conquista era um jogo fácil para ele, sua beleza e carisma derrubando facilmente as barreiras. Claro que com Ângela agira diferente, e havia demorado a decidir se devia ou não conquistá-la, mas... Não a havia conquistado? Não havia se mostrado atencioso, fiel,

PERIGOSAS NACIONAIS

gentil? Não parecia um bom provedor, não demonstrava que daria um bom marido, um bom pai? Por que ela estava sendo infantil e difícil?

Respirou fundo e esperou o retorno da namorada. Quando ela reapareceu usava uma blusa sem atrativos, presa dentro de calças compridas bem grossas. Ele deu uma risadinha sarcástica. O vestuário dela dizia tudo: “*nada de facilitar para o Renato*”.

Decidiu tomar um banho, passando por ela sem dirigir-lhe a palavra.

Quando saiu do banheiro, e aproximou-se de Ângela, cheirando a sabonete e loção após barba, e usando apenas uma toalha enrolada na cintura, ela o achou absurdamente bonito e sentiu o coração bater descompassado.

— De quanto tempo você precisa? — A voz grave de Renato elevou-se na suíte.

PERIGOSAS ACHERON

— O—o quê?

— Eu perguntei quanto tempo você precisa — fez um gesto vago com a mão —, para deixar de pensar bobagem, parar com essa reação estranha ao que eu relatei ontem.

— Bobagem?

O rosto dele estava inexpressivo, de uma forma que ela achou bem irritante.

— Você acha que o meu sentimento é uma bobagem?

— Pensei que você tivesse vindo comigo para me apoiar, não para bancar uma garotinha dengosa.

O comentário irritou Ângela ainda mais. Os olhos dela semicerraram:

— No lugar de “me apoiar” entenda-se “fazer sexo”.

— Se eu quisesse só conversar teria trazido

o Jaime, pelo menos ele me acompanha na cerveja.

— Você é um insensível.

— *Eu sou insensível?* Estamos tendo alguma inversão aqui.

Ângela percebeu o tom de voz de Renato alterando-se, e a máscara de frieza caindo por terra. Cruzou os braços, enquanto ele falava:

— Eu tenho um emprego extremamente complicado, acabei de perder meu irmão, minha família pode estar correndo perigo e você acha que sou insensível porque não estou te paparicando? Só falta querer discutir a relação... Que clichê! O problema é mesmo eu ter transado com a Maria? Porque foi no passado. Não houve traição. Você sabe que eu transava antigamente com outras, não é? E foram MUITAS mesmo! E elas todas não foram nada! Nada perto do que VOCÊ significa pra mim! Você não percebe? Eu estou com você, e não

PERIGOSAS NACIONAIS

quero ficar com mais ninguém! Não vou ficar me lamentando pelo meu passado. Sou homem! Homens A-DO-RAM transar e pensam MU-I-TO nisso. Aceite isso, e pronto.

— Eu sei muito bem que você é homem. — Ela pôs as mãos na cintura, irritada. — Isso deve explicar tuuuuudo, te dar direito a tuuuuudo!

— Não, mas sou humano. Sou um homem normal! — Renato procurou baixar o tom de voz. Se Ângela não conseguia ser racional, ele não pioraria tudo berrando feito um louco. Bastava que ela estivesse agindo como tal.

Ângela decidiu que era melhor falar bem claramente sobre o que estava em sua cabeça:

— Sabia que eu passei a noite relembrando as coisas que eu via você fazer na adolescência? A cada vez que eu fechava os olhos, uma lembrança sua me assaltava. Fatos, imagens, comentários

PERIGOSAS ACHERON

feitos por você. Antes nada parecia importante, mas olhando agora... É tudo diferente. Você mirava uma garota e parecia um leão em volta da presa, só parava quando conseguia o que queria. E não pense que esqueci de seus comentários idiotas sobre suas conquistas! Quando uma menina estava próxima de se render, você dizia que ela estava pronta para o abate!

Renato sacudia a cabeça, uma sombra de sorriso no rosto:

— Caramba, quantos anos eu tinha? E eu só falava essas coisas para você porque era minha melhor amiga, e não era por ruindade, era molecagem! Você ria! Quer saber? Você também transava e eu não estou te enchendo.

— Vossa Excelência há de convir que eu não chegava nem a seus pés.

Renato pareceu soltar um rosnado. Pôs a

mão na cabeça, frustrado.

— Com essa história da Maria você concluiu que eu ainda sou um garoto e não quero nada sério com ninguém?

—Não... Eu não disse nada disso!

Ela respirou fundo:

— Quer saber? Vamos parar com isso, está ridículo! Não é para isso que viemos até aqui. Eu não quero brigar com você, ainda mais num momento como esse!

— Muito menos eu!

De repente a raiva de Renato sumiu, deixando apenas o cansaço em seu lugar. Bebeu um pouco de café que um funcionário do hotel havia trazido.

Ângela decidiu que o momento pedia paz, e se estava insatisfeita com o comportamento passado dele, não era hora de discutir o assunto.

— Me desculpe, Renato.

— Tudo bem, Ânge, não precisa se desculpar. Só que não foi um bom momento para uma crise de ego feminino. Ou ciúme, não sei. — Os olhos dele tinham aquele colorido tão profundo que lembrava o oceano, e ela se sentia cada vez mais ridícula por tratá-lo mal antes. — E eu detesto drama, sabe disso.

Sim, o momento era ruim para uma crise ou briga romântica, ela sabia. Havia vindo até ali para apoiá-lo, **apoiá-lo!** E era o que faria.

Começou a beijá-lo e abraçá-lo, mas ele deteve suas mãos e afastou-a com cuidado:

— Eu te amo de verdade, e tenho certeza disso. Mas quem não está “no clima” agora, sou eu.

O governador vestiu-se e começou a usar o telefone, e ela descobriu-se sendo punida, talvez intencionalmente, com um delicado desprezo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Era uma tarde quente, com um céu bem azul que teria agradado Samuel. Havia muita gente no cemitério. Famosos, anônimos, curiosos, todos prestando as últimas homenagens ao deputado. A viúva, que havia dispensado os óculos escuros e exibia olhos vermelhos contrastando com o belo rosto sereno, e o filho do casal, um adolescente que parecia um ídolo teen, agora alavancados a celebridades por causa da tragédia, eram incansavelmente clicados por uma multidão de fotógrafos. A maioria dos repórteres, em busca da notícia, não demonstravam tato ou consideração pela dor alheia.

Renato Gomez, rodeado por segurança redobrada, deteve-se à saída do cemitério para cumprimentar alguns amigos mais chegados.

O pai de Ângela aproximou-se. Era um homem magro, sempre elegante. Alguns fios louros ainda podiam ser notados na brilhante cabeleira grisalha que emoldurava o rosto aristocrático. Renato havia se acostumado a chamar-lhe de tio.

— Tio Henrique, obrigado por vir.

Tio Henrique quebrou o protocolo e abraçou o rapaz afetuosamente, como um pai abraça um filho pequeno que se machucou. Renato sentiu-se reconfortado com aquele abraço apertado, protegido como um menino, sentindo os olhos marejados. Quantas vezes aquele distinto senhor havia sido um porto seguro nos momentos de crise pela qual todos os jovens passam? Havia coisas que não podiam ser divididas com Ângela, e seu

próprio pai muitas vezes não tinha tempo para ele. No entanto aquele homem nunca lhe falhara, e era sempre solícito e generoso com seu tempo, mesmo tendo horários difíceis em seu trabalho como diretor de um grande hospital.

Henrique relaxou o aperto, mas continuou abraçado a Renato enquanto ele piscava várias vezes, contendo as lágrimas, a fim de não ser fotografado chorando.

— Acho que eu precisava mesmo desse abraço...

— Mas é claro que precisava. Sabe que sempre pode contar comigo, não sabe?

Sim, ele sabia. Diante dele estava um bom homem, que havia ficado viúvo cedo e criado sozinho a mulher que ele amava e estava agora ao seu lado.

— Sei, sim, tio. E minha família também

agradece seu apoio, muito obrigado.

— Não precisa agradecer por isso. —
Inclinou-se para dar um beijo na filha. —Alô, meu
anjinho.

— Eu admiro muito seu pai. — Renato,
pensativo, observou o homem mais velho afastar-se
em direção a seu carro. —Você tem muita
sorte.

Ângela concordou com a cabeça:

— Sim, tenho sorte por ter um pai
maravilhoso.

— Gostaria que marcasse um jantar na casa
dele semana que vem.

— Está bem.

— Vou pedir a sua mão a ele.

Ela voltou-se, surpresa. Renato sacudiu os
ombros levemente, a sombra de um sorriso no
rosto:

— Eu sei... Meu timing é péssimo. O lugar e o momento não são bons, mas precisa saber que quero muito ser seu noivo.

Ângela controlou a respiração. Não tinha o talento de Renato para esconder o que sentia. Então, respondeu-lhe:

— Depois conversamos, Renato.

A resposta pegou Renato desprevenido.

Depois?

— Algum problema?

— Não é hora nem lugar, como você mesmo sinalizou. Quando estivermos a sós, conversaremos.

Renato assentiu, já prevendo problemas à frente.

Capítulo 10

— Pois bem, estamos a sós, agora. Pode falar. — Renato apenas jogou a carteira e o celular na mesinha da entrada, quando chegaram ao apartamento dele. Antes de qualquer outra coisa precisava conversar com Ângela, e saber o que ela estava pensando sobre seu pedido de casamento.

Ângela clareou a garganta antes de responder:

— Nós nos conhecemos desde pequenos.

— Não precisa lembrar isso para mim. Praticamente dividimos chupetas.

— Quero dizer com isso que o conheço bem.

— O que é ótimo para nós.

Ele não estava sorrindo, e sua voz soou levemente impaciente. Ângela o conhecia bastante para saber que Renato desejava que ela fosse direto ao ponto.

— Muito bem. Então vamos falar. Você não precisa fazer isso, Renato.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Fazer isso o que?

— Me pedir em casamento. Não precisa fazer isso.

— Mas eu quero.

— Não, não quer. Ora, já nos conhecemos faz tempo, e sei que nunca esteve animado para casar-se.

— Mas antes eu não...

Ela ergueu a mão, impedindo-o de continuar.

— Sei que gosta de mim. Mas não posso

PERIGOSAS ACHERON

aceitar um pedido feito sob pressão de sua mãe e do seu pai. Pior, com o acréscimo da dor da perda por causa de Samuel. Não aceitarei pedido algum feito desse modo.

O rosto de Renato contraiu-se.

— Não é por causa deles.

Ângela pousou as mãos nos braços dele.

— É sim, e você sabe. É um erro casar por essas razões, Renato.

— Está me rejeitando?

Renato estava incrédulo.

— Nessa questão, sim.

Ele balançou a cabeça algumas vezes, em negativa. Depois respirou fundo e falou:

— Ângela, se vai rejeitar o meu pedido de casamento, então é melhor terminarmos nossa relação agora.

Ela abriu a boca, mas as palavras não

PERIGOSAS ACHERON

saíram. Não esperava este tipo de reação.

— Decida, Ângela. Se aceita casar comigo continuaremos juntos, senão, adeus.

Ângela poderia responder-lhe que aceitaria o pedido de casamento num outro momento, no tempo certo, mas o posicionamento de Renato, a forma com a qual ele a estava pressionando, e impondo sua decisão sobre a dela, não a agradou. Mesmo ante a terrível perspectiva de perder o homem que amava, Ângela não permitiria que a intransigência dele a obrigasse a tomar uma decisão precipitada, da qual poderiam se arrepender.

— Realmente é assim que você quer, Renato?

— É exatamente assim.

— Sinto muito por isso, então.

Ele franziu as sobrancelhas. *Ela não faria o que ele estava pensando, faria?*

— Adeus, Renato. — Ângela pôs a mão na maçaneta da porta, abriu-a e saiu, sem olhar para trás.

Oh, sim, ela faria.

Maldita teimosa!

Renato estava furioso.

Como Ângela podia deixá-lo assim?

E num momento em que ele precisava tanto dela?

Ele havia perdido o irmão!

Ele estava de luto, e isso fazia um homem pensar...

Enquanto encarava a perda, nos dias

PERIGOSAS NACIONAIS

anteriores, e mais ainda hoje, diante de um caixão, num cemitério cinza, com toda a tristeza e morbidez da situação, deu-se conta de quão curta é a estadia nesse mundo. E como era ridículo viver esse tempo sem alguém para compartilhá-lo, sem aproveitar o amor quando havia um, sem valorizar as pessoas que lhe apoiavam. E o quanto mais pensava, mais estes questionamentos o traziam até Ângela.

Por que não estavam casados? Ou ao menos, noivos?

Por que deveriam morar em casas separadas?

Por que não podiam viver seu amor de forma plena, total, agora que o haviam descoberto?

Para que esperar mais?

E como, por todos os santos do céu, Ângela não via também tudo isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como ela não enxergava que o desejo de casar-se não vinha de pressões, de família, de mídia, ou do que raios ela pensasse que vinham, mas apenas do coração dele?

Continuou andando de um lado para o outro do apartamento, como uma fera dentro da jaula. Não estava acreditando no que havia acontecido! Além de toda a tensão que estava passando, vira a pessoa que amava dar-lhe as costas. E a culpa era dele!

Renato foi até seu armário de bebidas.

Olhou as garrafas, irritado.

Ele ficava péssimo quando bebia.

E passava muito mal.

Estava tão furioso com o mundo! Tão furioso consigo mesmo!

Ora, que passasse mal!

Quem sabe, com um pouco de sorte,

PERIGOSAS ACHERON

conseguisse esquecer-se da dor que sentia, da frustração, da pena que sentia de si mesmo.

Era um idiota, um inapto para falar com a única mulher que amara de verdade, sempre metendo os pés pelas mãos ao lidar com ela, embora fosse extremamente comunicativo e convincente com todos!

Escolheu uma garrafa e sentou-se no sofá.

Duas horas depois, Renato ainda estava no mesmo lugar. Com a mão trêmula pegou o telefone e ligou para Ângela.

Ela atendeu ao terceiro toque. E ele nem aguardou que ela dissesse *alô*:

— Eu sou um homem orgulhoso. Mas antes

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, sou um homem apaixonado. E você estava certa.

A respiração do outro lado parecia entrecortada:

— Não tinha mais tanta certeza quando cheguei em casa.

— Andou chorando?

Ela fez silêncio.

— Não chore, Ângela. Eu não queria provocar isso. Eu apenas, eu...

— Eu não quero brigar com você, não quero. Eu te amo, Renato.

O alívio o inundou. *Ela o amava, sim!*

— E eu amo você! Não vamos brigar, juro. Somente... Deixe-me ouvir sua voz. Fale comigo.

Ela respirou fundo, e soou mais calma:

— Andou bebendo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, um pouco.

— Sabe que não deve.

— Sim, eu sei. Não combino com bebidas.

— Então por que insiste? — Ela parecia estar sorrindo do outro lado da linha, agora.

— Acho que porque não aceito perder. E perder para uma bebida? Ah, isto é péssimo! Ou então eu bebo só porque sou estúpido. Estúpido demais.

Ela riu.

— Não é estúpido.

— Bobo?

— Bobo pode ser.

— Não quero ficar sem você. Ângela... Por que nunca sei falar com você?

— Não sabe?

— Não. Eu... Eu pareço aquele garoto do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pré-primário que puxa com força a trança da amiguinha da escola porque não entende que seu coração disparado perto dela é amor.

— Ah, Renato...

— É sério. Não dou uma dentro com você. Aquilo que fiz para te levar para cama da primeira vez... Foi uma coisa doida.

Ela não conseguiu deixar de rir. Ainda mais com a voz dele saindo toda enrolada.

— Eu sou muito incompetente quando vou lidar com você. Me desculpe. Não quero que fiquemos separados.

Ângela suspirou.

— Também não quero. Mas... Não somos uma pauta que precisa ser passada e aprovada com urgência, Renato. Não podemos agir em nossa intimidade dessa maneira.

— Compreendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Compreende mesmo?

Ele estalou a língua.

— Na verdade, não muito. Mas aceito seu ponto de vista.

— Eu só quero que façamos nosso tempo, mais nada.

— Eu vou lhe pedir em casamento em outra oportunidade, Ângela.

— Eu conto com isso.

— E então me dirá sim.

— Com certeza eu lhe direi sim. Mas pare de beber.

— De acordo. Eu vou até sua casa.

— Não, você bebeu, não seria bom se lhe vissem assim... E deve haver repórteres rodando sua porta. Eu irei até você.

Renato sentiu os olhos molhados. *Porcaria de bebida, estava deixando-o molenga.*

PERIGOSAS ACHERON

— Agora?

— Sim, eu vou agora.

— Se você não chegar logo, eu vou até você.

— Renato!

— É sério.

— Eu sei que é. Deixe eu desligar o telefone para colocar meus tênis, pelo menos?

— Está bem — a voz dele soava mais grogue.

Em menos de vinte minutos Ângela entrou no apartamento de Renato. Ele estava deitado no sofá, adormecido, e ela sorriu ternamente.

Seu melhor amigo, seu namorado, o amor de sua vida, muitas vezes mostrava-se nada mais que um garoto crescido. E ela estava muito aliviada que houvessem feito as pazes.

Quando ela debruçou-se sobre ele para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depositar-lhe um beijo na testa, viu-se rapidamente enlaçada pelos braços dele, e um par de imensos olhos azuis a fitaram intensamente:

— Sabe que é meu anjo guardião, não sabe, meu amor? Não me deixe mais no inferno que é ficar sem você.

— Não deixarei. Agora descanse um pouco, está bem? Vou lhe fazer um café forte.

Ele a soltou, assentindo devagar. Recostando a cabeça no braço do sofá, voltou a adormecer.

Ângela o observou mais um pouco. *Recusara mesmo casar-se com ele? Apenas porque julgou que ele faria o pedido num mau momento? Era uma idiota, não era?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Uma noite, alguns dias após o velório, Renato recebeu em seu apartamento um detetive, a mando de Mauro Andrada.

— Um suspeito vai prestar depoimento amanhã.

— Quem é?

— Miguel Farias.

— O antigo chefe de polícia do estado?

— Isso. Achamos que foi uma vingança contra o senhor, por tê-lo despedido diante das denúncias de corrupção.

— Ah...

Ângela estava entrando no apartamento, e

PERIGOSAS ACHERON

escutou a conversa. Logo que o detetive saiu, Renato voltou-se para Ângela e replicou:

— Não foi ele.

— Como pode ter certeza?

— Não teria lógica, e o Farias sempre foi bem lógico e inteligente. Ele é racional demais para se deixar levar por um desejo de vingança. Para que adicionar uma acusação de assassinato aos seus problemas quando já pesam sobre ele acusações de corrupção?

— Oh... Pensando assim, você está certo.

— Mas seria ótimo se dessa vez eu estivesse errado. Então ele seria preso definitivamente e minha preocupação aqui fora acabaria. Porém a minha experiência com as mentes engenhosas do mundo do poder me diz que ele não se incomodaria em tentar me afrontar. Mas vamos colocar esse assunto um pouco de lado e

deixe-me olhar pra você.

Ela deu uma voltinha, de forma brincalhona. Usava um vestido leve e florido.

— Gostei. Muito bonita.

— Você me convidou para jantar. Aonde vamos?

— Aqui mesmo, na cozinha.

— Não me diga que vai cozinhar?

— Você sabe que nisso eu não sou bom, embora eu seja bom em tudo o mais.

— Você está de bom humor hoje.

— Acho que estou voltando ao normal. A senhorita pode sentar-se. — Ele apontou uma cadeira na ampla cozinha. — Vamos comer lasanha? Ruth fez uma no capricho para nós. É só esquentar.

— Você a dispensou hoje?

— Sim, e dispensei o Beto também. — Ele
PERIGOSAS ACHERON

pôs a lasanha no forno microondas e abriu um vinho.

— Então vou precisar chamar um táxi para voltar pra casa. Eu não vim com o meu carro porque pensei que sairíamos no seu, e quando o Beto me trouxe para que eu não andasse sozinha, não falou nada sobre como seria a volta.

Renato lhe entregou uma taça de vinho.

— Pensei que você poderia passar a noite aqui comigo. — A voz dele adquiriu um tom provocativo, sussurrante.

Já havia dias que eles não faziam amor, o desentendimento entre eles e o luto por Samuel haviam erguido uma barreira invisível, e deixado Renato silencioso e distante. Agora a barreira parecia estar partindo-se.

— Tem certeza que me quer aqui? — ela perguntou, um sorriso aliviado brotando nos lábios

rosados.

— Absoluta.

Ele a puxou para seus braços, beijando-a com intensidade.

— Estava sentindo falta disso.

— É mesmo, Ânge? Depois do jantar você poderá me provar isso.

Ela deu uma risadinha.

— A sua intenção era me fazer implorar?

— Se eu posso me ajoelhar por você, porque você não pode fazer isso por mim? — Renato indagou, fazendo alusão ao dia em que a havia seduzido.

— Ajoelhar?

— Ajoelhar e me agradar.

Ela voltou a rir.

— E agradar você, de joelhos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Com mãos... e boca. Você sabe...

Ângela riu ainda mais alto.

— Você só pensa em sacanagem!

— É a minha qualidade que mais a atrai. E ficar de joelhos diante de mim pode ser bom, seria um exercício de humildade.

— Ah, seria?

— Certamente. Gostaria de tentar mais tarde?

— Como você consegue falar essas coisas todas e manter a expressão séria?

— Não sei, acho que é porque não tem nada de mais. Você é que vê maldade em tudo.

— Só porque tudo o que você diz tem duplo sentido.

— Ânge, você deve *ver a coisa* de um outro ângulo...

— E lá vamos nós... Essa conversa vai é
PERIGOSAS ACHERON

render...

— Você só tem que relaxar e se *abrir mais*.

— Desisto de tentar falar sério. A lasanha está pronta?

Eles comeram, entreolhando-se todo o tempo. A refeição estava maravilhosa, o vinho os ajudou a relaxar, e Ângela mal teve tempo de colocar os pratos na pia antes que Renato a tomasse nos braços, empurrando-a em direção a mesa.

— Sobremesa agora.

Ângela se viu sentada sobre a mesa, com as saias de seu vestido suspensas, e Renato colado ao seu corpo. Cada beijo parecia mais apaixonado que o outro, e conforme aumentava a ânsia por ser possuída, uma peça de seu vestuário era retirada: Um sapato, logo o outro, depois a meia fina, escorregando delicada e luxuriosamente por suas pernas, o zíper nas costas de seu vestido aberto

cuidadosamente. Mesmo nesse movimento Renato imprimiu sensualidade. Estavam exercitando sua volúpia com calma e precisão.

Então Renato ergueu a roupa dela, fazendo deslizar para cima enquanto tocava-lhe o quadril, o ventre, os seios, e o ombro com as mãos quentes e fortes. Depois que o vestido passou pela cabeça de Ângela, e foi atirado longe, restaram apenas calcinha e sutiã.

Ele a admirou minuciosamente, e soltou um suspiro alto:

— Como pude ficar sem por tanto tempo?

Ângela sorriu, abrindo os braços para Renato. Foi-se embora todo o comedimento. Ele atirou-se neles como um náufrago a um navio. Abraçando-a quase desesperadamente, pôs de lado a moderação anterior, e arrancou a lingerie que a amada estava usando, fazendo um ruído de renda

PERIGOSAS NACIONAIS

rasgada quando chegou a vez da calcinha.

Ângela estava tão aflita por Renato que sequer importou-se, ou talvez o som da peça rasgada aticasse-lhe ainda mais os sentidos, ao constatar o quanto era desejada.

No minuto seguinte estava recebendo as estocadas intensas e arrebatadoras do homem de sua vida, e sua felicidade era tão grande que parecia flutuar nas nuvens.

O ali, e o agora, era a coisa mais perfeita do mundo!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Como o governador previra, Miguel Farias negou o envolvimento com o acidente, e mostrou-se muito surpreso e assustado com a acusação. O delegado confidenciou a Renato que seu espanto parecia genuíno, e não pôde retê-lo, pois não tinha provas suficientes contra ele. Maria Carmem também foi descartada, porque havia partido em um cruzeiro pelo Caribe com o novo namorado havia dois meses. Isso significava que a família do governador ainda precisaria de proteção especial por mais algum tempo.

Recebeu uma ligação especial do chefe de polícia a respeito das investigações.

— Senhor governador, estou empenhado no caso de seu irmão, embora o acidente não tenha acontecido sob nossa jurisdição. Tenho conversado com o chefe de polícia de lá, e o Andrada tem se esforçado.

— Sei disso, e agradeço.

— Sabe que sua futura noiva também pode estar em risco?

— Sim, mas ela costuma estar sempre comigo, e tenho sempre alguém de confiança para acompanhá-la quando eu não estou junto.

— Não é bom que ela ande sozinha.

— Serei ainda mais rigoroso com isso.

— Vou designar um homem para ficar na porta da casa dela.

— É tentador, mas não posso aceitar isso, Jorge. Não posso dispensar tratamento diferenciado a Ângela só por ela ser minha namorada. Não seria

ético, e a oposição certamente divulgaria o fato.

— Não precisa contar a ninguém, e ele trabalharia à paisana.

— Acho que não.

— Se acontecer algo a ela você nunca vai se perdoar.

— Confio no guarda-costas que está com ela. Assunto encerrado.

Capítulo 13

— E então, marcou um jantar com seu pai?

— Renato falava ao telefone com Ângela, aproveitando um momento mais tranquilo no gabinete.

— Marquei sim.

Ela estava usando o viva-voz.

— Tenho a impressão que você está andando enquanto fala comigo. O que está fazendo?

— Estou me arrumando.

— Está sem roupa? — Renato se animou.

— Não, eu disse que estou me arrumando.

Vou sair.

Um alarme pareceu soar dentro dele.

— Vai aonde?

— Naquele evento de caridade. É para arrecadar fundos para um orfanato e me convidaram para ser madrinha. Eu te falei, lembra?

— Não falou mesmo. E eu sou aquele que nunca esquece nada.

— Engraçado, achei que tinha falado.

— Não gostei disso, Ângela. O guarda-costas vai com você, certo?

— Ele teve uma emergência na família. Ligaram dizendo que seu filho estava passando mal na escola e eu o liberei. Mas não se preocupe, tem um policial parado lá fora, na porta. Ele se apresentou para mim e disse que havia sido designado pela delegacia mais próxima como um favor especial a você. E que eu o chamasse se fosse

PERIGOSAS NACIONAIS

necessário. Pensei em pedir a ele que me acompanhasse ao evento.

— Eu disse ao Jorge Alberto que ele não deveria fazer isso.

— Se você preferir, eu irei sozinha no meu carro.

— Não. Não quero você andando sozinha.

— Eu não vou deixar de comparecer. Já confirmei presença, e quero ajudar as crianças.

— Está bem, mas me telefone quando voltar.

— Sim, meu amo e senhor.

— Vou lhe aguardar no meu harém. Ou prefere que eu vá até o seu leito essa noite?

— Ficarei honrada com sua presença em minha humilde morada.

— Então prepare os lençóis de cetim, e espalhe pétalas de rosas e incenso no caminho onde

PERIGOSAS ACHERON

eu for passar.

Renato podia perceber o sorriso de Ângela do outro lado da linha. Era fantástico que tivessem voltado às boas.

— Tudo para agradar e bem servi-lo — ela respondeu, bem-humorada.

— Preciso desligar agora. Um beijo.

— Beijo. Tchau.

Algumas horas mais tarde Renato recebeu uma ligação de Andrada.

— Governador, eu estou muito preocupado. Recebemos uma ligação pelo disque-denúncia falando que havia um plano para sequestrar Ângela Assunção. Acontece que estamos tentando falar

PERIGOSAS ACHERON

com ela e não estamos conseguindo. Liguei para o delegado da área onde ela mora e irão mandar um carro de polícia para averiguar.

Renato estava aturdido.

— Mas já havia um carro de polícia na porta dela.

— Não havia, não. O delegado disse que não estava ciente do caso, pegou até o endereço dela.

— Ela falou que havia um policial na porta dela, que ele havia se apresentado, e que a delegacia o havia designado.

O governador percebeu a cautela na voz do outro homem quando ele voltou a falar:

— Ângela está em casa agora?

— Ela ia sair para um evento beneficente.

— Ela tem guarda-costas?

— Não hoje.

— Onde fica o evento?

— Ela não me disse.

Houve um silêncio significativo no outro lado da linha.

— O senhor sabe que temos um problema, não sabe?

Renato tentava desesperadamente falar com Ângela, mas entrava em caixa postal. Mandou que Jaime descobrisse todos os eventos beneficentes que envolviam crianças e que estivessem ocorrendo naquele dia. Quando descobriram o lugar certo já estava anoitecendo e Renato correu do gabinete direto para o local. Quando chegou já havia dois detetives da polícia falando com as pessoas. Os

PERIGOSAS NACIONAIS

detetives avisaram que ela não havia comparecido, e que o evento já havia se encerrado horas atrás.

O governador sentia-se zozinho. Ligou para o chefe de polícia.

— Quem você mandou para ficar com a Ângela?

— Eu não mandei ninguém. O senhor disse que não era necessário. O que está acontecendo?

— Um policial se apresentou na casa dela hoje, e provavelmente levou-a a algum lugar que desconheço.

— Seguiram em um carro de polícia? Ela disse se o veículo que ele estava dirigindo era oficial ou particular? Ele estava fardado? Mostrou a ela algum distintivo? Sabe dizer se é civil ou militar?

Renato sentia o estômago embrulhar. Não sabia responder a nenhuma dessas perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

Ficou acordado vendo a madrugada se aproximar, esperando alguma notícia. Falava a todo instante com tio Henrique, que também estava muito apreensivo. Seus pais e sua irmã estavam em seu apartamento, todos andando de um lado para o outro, ansiosos e bebericando café.

— Vocês deveriam é tomar um chá de camomila — dizia a governanta Ruth, enquanto os servia.

— E você já devia estar dormindo, mas ainda está aqui falando com a gente — respondeu Heloísa, com expressão cansada.

— Ih, mas não vou dormir mesmo. Eu, heim, dormir como, dona Helô? Pensando na Ângela aí fora, sabe Deus onde e com quem?

O chefe de polícia havia passado na residência do governador para prestar-lhe solidariedade, mas já havia saído quando Mauro Andrada, vindo de outro estado, chegou. Viera mais em solidariedade, para conversar com Renato. Foram para o escritório.

— É possível, governador, que peçam um resgate por ela.

— Sei que você não acredita nisso, Andrada. Não vão pedir nenhum resgate. Se ela não for encontrada logo, você sabe o que acontecerá. Eu só não entendo o que eu fiz de tão grave ou tão ofensivo para fazerem isso com as pessoas a quem amo! Por que não acontece comigo? Por que estão perseguindo as pessoas que eu estimo? Primeiro meu irmão, agora minha futura esposa! Meu Deus, isso precisa parar!

— Quem ligou pro disque—denúncia foi uma

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher. Acho que ela pode tentar ajudar de novo. Ao mesmo tempo temos muita gente procurando o cativoiro.

— Pior é essa sensação de mãos atadas, sabendo que ela está correndo perigo.

— O senhor deve manter a calma.

— Eu sou muito grato por você ter vindo até aqui falar comigo, Andrada.

Depois que o investigador foi embora, o pai de Renato entrou no escritório. Ficou algum tempo observando o filho, que tentava distrair-se, dobrando meticulosamente as mangas de sua camisa.

— É um bom homem esse que saiu daqui agora.

— Também acho.

— Dá pra notar pelos olhos de um homem quando ele é bom ou não. Existe um brilho especial

PERIGOSAS ACHERON

que diferencia as duas espécies.

— Ainda não consegui aprender a ler o olhar de uma pessoa — resmungou em resposta.

— Isso se aprende com o tempo, e eu já tenho bastante idade e experiência observando as pessoas.

— Acredito que sim.

— Algumas vezes o comportamento e as ações de um homem não condizem com seu olhar, porque ele tenta dissimular seu verdadeiro caráter. É muito desagradável quando você encontra alguém assim perto de você, no seu círculo profissional ou de amizade.

— Pai, você pode me dar um exemplo que você já tenha notado a sua volta?

— Por coincidência eu tive um vislumbre desse tipo de olhar hoje mesmo, aqui na sua casa.

— Aqui? Mas só estamos nós e os

empregados de sempre. Está falando dos guarda-costas?

— Não. Os rapazes são bons, de confiança. Aquele que devia estar com a Ângela está inconsolável. Você sabe que armaram tudo para que ele se afastasse, distribuíram na escola comida adulterada e todas as crianças acabaram passando mal. Graças a Deus não foi grave.

— Então, quem? — Renato já imaginava, mas queria confirmar.

— Por eliminação você já imagina de quem estou falando. Foi esse chefe de polícia que você nomeou. Ele até tenta disfarçar, mas o olhar dele tem alguma coisa que não combina com seus modos. Ele veio aqui hoje por pura cortesia e não por amizade, diferente desse outro rapaz que estava conversando com você há alguns minutos.

— O Jorge foi nomeado porque o partido

indicou. Não tinha amizade com ele antes, talvez tenha vindo mesmo somente por cortesia. — Descansou queixo nas mãos.

Depois de ficar alguns segundos em silêncio, o governador continuou:

— Eu achei que foi um gesto bem gentil de Andrada viajar só para falar comigo. A área dele é em outro estado, quase na divisa com o nosso, onde o Sam morreu.

— Você agradeceu a ele pela solidariedade, ofereceu hospedagem?

— Sim, agradeci, e ofereci hospedagem aqui, mas ele disse que iria para um hotel e não queria incomodar. Acho que ele pretende ficar para ajudar nas buscas.

— É muito interessante essa coisa de ficar grato a alguém, não é mesmo? Temos a sensação de estar em dívida quando alguém nos presta um

favor — disse Hamilton, pensativo — algumas dívidas acabam se tornando eternas, na verdade.

— Aonde quer chegar, pai?

— Ah, não é nada. Apenas uma ideia absurda que me ocorreu.

Renato remexeu-se na cadeira:

— Por favor, pai, me diga o que está pensando.

Capítulo 14

Mauro estava novamente diante de Renato Gomez.

— O que o senhor me pede é complicado, governador.

— Por favor, Mauro, não tenho mais em quem confiar.

O investigador coçou a cabeça.

— Normalmente não seria complicado rastrear as ligações de alguém. O problema é que o senhor quer que eu rastreie as ligações do seu chefe de polícia.

— Você falou que tinha amigos aqui.

— Sim, e todos detestam o Jorge. Sabe como o chamam pelas costas? Tanque de guerra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque ele passa por cima de tudo que está a sua frente. Ele não trabalha em equipe. Ele comanda, e como gosta de comandar!

— Você pode ao menos tentar?

— O senhor anota para mim um endereço eletrônico de sua confiança, e eu vou fazer umas ligações. Mas gostaria de saber por que está me pedindo isso.

Mauro falou ao telefone rapidamente, e passou o e-mail à pessoa do outro lado da linha.

— Pronto. Consegui uma pessoa. Essas coisas costumam ser rápidas quando se encontra alguém disposto a fazê-las.

Sentaram-se em frente ao computador. O investigador voltou a falar.

— O senhor ainda não me disse por que estamos invadindo a privacidade do seu chefe de polícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade estamos fazendo isso por causa de uma sugestão maluca do meu pai.

— E tem algo a ver com a dona Ângela?

— Sim, tem tudo a ver.

— O Jorge Alberto anda com raiva do senhor? O senhor acha que ele quer lhe prejudicar?

— Meu pai falou algo sobre gratidão.

— Sequestro e gratidão. Não entendi.

— Ah, também não sei. Mas estou desesperado, e preciso fazer alguma coisa, mesmo que seja apenas seguir a intuição do meu pai.

— Trabalhando com todas as hipóteses.

Renato tentou sorrir:

— Isso mesmo.

O policial e o governador ficaram em silêncio por alguns instantes, pensativos, até que Andrada começou a falar, bem lentamente:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora me ocorreu que li uma entrevista sua há algum tempo atrás. Na entrevista o senhor falava que se chegasse à presidência, nomearia para seu ministério apenas pessoas de sua confiança , que já houvesse visto trabalhar de forma eficaz.

Enquanto ele falava as coisas iam ficando claras para Renato.

— Se o Jorge gosta de comandar, se ele almeja o poder...

— Se ele almeja o poder de um cargo no ministério, e pelo perfil dele eu sei que almeja, qual a melhor forma de chegar até lá senão tornando-se amigo do homem que será presidente? Para demonstrar que merece um cargo como ministro da defesa ou liderar a Secretaria de Segurança, poderia se apresentar como o homem que desbaratou a quadrilha que perseguia Renato Gomez e sua família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se todas essas suposições estiverem certas, então Ângela ainda está viva, e ele vai me devolvê-la.

— Se essas suposições estiverem certas, estamos lidando com uma mente diabólica, que vai esperar até que o senhor esteja no auge do desespero para agir. Matará os capangas que designou para sequestrar a sua namorada. E há o risco de que faça o mesmo com ela no momento em que for estourar o cativeiro, para que não haja rastros, fazendo assim a queima de arquivo.

Renato estava lívido diante das palavras do investigador.

— Veja, a mensagem chegou! Vamos logo ver essa lista, não temos tempo a perder! Com esses números temos chance de chegar ao cativeiro antes que o pior aconteça! Senhor governador, não fique me olhando! Abra logo esse e-mail! Quero ver

PERIGOSAS ACHERON

esses números para rastrear e chegar a algum endereço útil.

Andrada já usava o telefone de novo, falando febrilmente com alguém do outro lado, tão rápido que Renato tinha dificuldade para acompanhar. O investigador apontava agora para um número de telefone que surgia na tela do computador repetidas vezes nos últimos três dias, sempre tarde da noite ou de madrugada.

Subitamente o rosto de Andrada iluminou-se, algo importante lhe era informado pelo celular. Respondeu que iria imediatamente, e isso Renato conseguiu entender bem. Assim que desligou, levantou-se de um pulo:

— Já tenho um endereço. É um lugar distante, onde só há galpões, perfeito para um cativeiro. Estou indo para lá agora e alguns amigos meus também irão, tudo extra-oficialmente.

Saiu correndo do escritório, com Renato em seus calcanhares. Andrada estancou.

— Onde o senhor pensa que vai?

— Eu vou com você.

— Não vai, não, senhor. — Ignorando os seguranças que já estavam a sua volta, deteve o governador colocando a mão firmemente em seu ombro. — Não vou arriscar a sua vida também, e nem terei como proteger-lhe enquanto estiver resgatando a vítima.

— Uma ova que não vou com você! É a minha mulher!

Mauro Andrada ficou irritado:

— O senhor está maluco!

— Estou mesmo. E vou junto! — Renato abrandou a voz — Andrada, eu reparei na aliança em sua mão direita. Se fosse a sua noiva, como se sentiria?

PERIGOSAS NACIONAIS

O policial viu a súplica no olhar daquele homem, e retirou a mão de seu ombro. Soltou o ar dos pulmões, num ruído impaciente.

— Governador, não é uma missão diplomática, e nem um dia comum de seu trabalho. Quem vai garantir sua segurança se eu precisar trocar tiros com alguém?

— Nós vamos — disse um dos seguranças, prontamente. — Em nome da amizade.

Os outros guarda-costas concordaram, com veemência.

— Vocês são todos um banco de loucos! Não vou levar um monte de civis para um local que pode se tornar rapidamente uma zona de guerra!

— Sabemos nos defender.

— E sabemos usar nossas armas!

— E vamos segui-lo, de qualquer jeito.

O investigador bufou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu posso dar ordem de prisão a todos vocês!

— Eu acho que não. — O governador cruzou os braços, decidido.

— Pelo amor de Deus, vocês vão me atrasar!

— Não vamos, garantimos.

O policial deu-se por vencido:

— Não pode usar uma limousine numa missão policial, e tem que arrumar uma forma discreta de sair do condomínio, pois se a imprensa o vir vai ferrar com tudo.

— Vamos usar o meu carro — falou outro segurança. — Tem vidro escuro e ninguém vai reparar num modelo popular saindo.

— Usaremos o elevador de serviço — completou o terceiro guarda—costas.

Andrada desistiu da lógica diante da

PERIGOSAS ACHERON

persistência dos outros homens.

— Então vamos logo!

O grupo saiu correndo para salvar
Ângela.

Capítulo 15

Ângela continuava presa no quartinho escuro e imundo. Não havia janelas, então ela não podia saber se era dia ou noite, e há quanto tempo já estava trancada ali. Pensou em Renato, e ficou triste por ele, pois iria se sentir ainda mais solitário depois que ela partisse. Não tinha ilusões acerca de si mesma depois do que havia acontecido com Samuel. Imaginou como o cunhado devia ter se sentido ao perceber que seu avião estava caindo, sua morte iminente se aproximando velozmente. Talvez, se tudo fosse rápido, não seria tão ruim.

Logo que chegou, ainda amordaçada, foi trancada pelo policial que se oferecera para lhe dar proteção. Sentiu-se idiota por não ter percebido que

PERIGOSAS ACHERON

havia algo de errado com ele, não ter verificado seu distintivo, ou qualquer outra coisa. E o fato dele não usar um veículo oficial da polícia também deveria tê-la alertado, mas mesmo assim entrou no seu carro, enganada por sua falsa simpatia. Agora estava nas mãos de bandidos, sem muita chance de ser libertada. Ouviu vozes do lado de fora, e uma discussão abafada. Outro homem entrou, um senhor mais velho, trazendo um colchonete e uma garrafa de água. Tirou sua mordaca e abaixou-se ao seu lado.

— Olha bem, moça, vou tirar isso da sua boca para você beber água. Não adianta tentar gritar, por que nesse cantão aqui ninguém vai ouvir você. Nós não vamos lhe fazer mal, a ordem é só te manter quietinha. Não grite, pois esse besta aqui fora é um sujeito esquisito, não queria nem lhe dar a água. Se comporte e logo poderá voltar pra sua casa, nós não queremos arrumar mais problemas,

PERIGOSAS ACHERON

não é mesmo? Vou soltar as suas mãos também, então não tente fazer alguma tolice.

O homem aguardou que Ângela aquiescesse, e só então a desamarrou.

Ele esperou pacientemente que ela bebesse da garrafa. Ângela prudentemente não fez perguntas. Quando o homem saiu, e fechou a porta atrás dele, Ângela viu-se mergulhada novamente na escuridão.

Foi muito depois, e Ângela não sabia calcular quanto, que ela ouviu um estrondo. Escutou gritos e vários estampidos. Encolheu-se mais ainda no canto, a gritaria e o som de tiros aproximando-se cada vez mais, os pensamentos

voando em turbilhão por sua cabeça. Depois, fez-se total silêncio.

Então uma voz familiar elevou-se, gritando seu nome, mas não conseguia responder, as palavras estavam presas na garganta. Será que estava ouvindo o socorro chegar mesmo? Ou o pânico e o medo estavam lhe pregando peças? Se os bandidos houvessem levado a melhor no tiroteio, e ela gritasse, poderia ser alvejada, num momento de raiva. Encolheu-se ainda mais, trêmula. Procurou fazer uma oração, mas até as preces saíam em murmúrios desconexos.

Demorou uma eternidade até que a porta se abrisse, bem devagar. Pode ver uma silhueta surgir, a luz de fora como fundo, parecendo um grande anjo envolto em aura brilhante. Ele se aproximou, abaixou-se junto a ela e ergueu-a nos braços. Afundou o rosto nos cabelos dela, e Ângela

envolveu seu pescoço num abraço. Percebeu então que ele soluçava baixinho, ao mesmo tempo em que ela. O homem que estava salvando sua vida era seu homem, Renato.

O único capanga de Jorge Alberto que sobreviveu à ação coordenada por Mauro Andrada era o mesmo que havia desamarrado Ângela e lhe servido água. Havia concordado em participar do sequestro sem imaginar que a moça, e ele mesmo, estavam destinados a morrer como queima de arquivo no final da operação. A par da verdadeira intenção do chefe de polícia, não se importou em denunciá-lo como mandante do crime.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em pouco tempo o quebra-cabeça sobre o acidente de avião sofrido pelos deputados também se completou, e Jorge Alberto foi devidamente encarcerado, protestando e esbravejando como o louco que era.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Subiram de mãos dadas a rampa do planalto, os corações disparados, vivendo o sonho realizado. Ângela admirava o belo marido, elegantemente vestido, com algumas ruguinhas se formando em volta dos olhos que sorriam tanto quanto sua boca. A barulheira em volta, e a quantidade pessoas que os seguia na caminhada simbólica não importavam. Só o que importava era estar para sempre ao lado de Renato, o grande amor de sua vida.

O discurso de posse foi bonito, divertido e diferente de tudo que já havia sido dito por um

presidente brasileiro em sua nomeação, e iria entrar para a história como um símbolo de renovação e esperança.

— E agora, Andrada? Com esse novo salário já dá para parar de enrolar a sua noiva e casar logo. — Renato estava descontraído durante a recepção que estava acontecendo após sua posse.

— É verdade, senhor Presidente — concordou o atual chefe de polícia de Brasília, um copo de refrigerante na mão e um sorriso nos lábios. — Com este novo cargo, não tenho mais desculpa. Agora vou ter mesmo que casar. Ela já está até providenciando a mudança para cá.

— Está gostando daqui?

Mauro deu de ombros e fez uma careta divertida:

— Vou sentir falta da praia...

— Bem, por mais que eu seja seu amigo e

queira ajudar, não dá pra mandar buscar uma praia pra você. contente-se com a praia nas férias e nos finais de semana.

— Fazer o quê? — Mauro Andrada deu de ombros — Não se pode ter tudo.

Ângela aproximou-se, gloriosa dentro de um vestido de cor marfim, um magnífico colar de pérolas, presente do marido pela ocasião do casamento, adornando-lhe o pescoço.

— Acho que podemos ter tudo, sim — respondeu Renato, admirando a esposa e afastando-se do amigo.

— Vossa Excelência, eu tenho um comunicado a fazer e não agüento mais adiá-lo. — Ângela apertou a mão do marido.

— Dirá que me ama? — Renato sorria, feliz.

— Sim, o amo muito, mas isso você já sabe

faz tempo.

Ele estava com os olhos brilhantes intensamente pregados nos dela, alheio à agitação a sua volta.

— E então, o que seria?

Os olhos dela estavam úmidos, a voz levemente gaguejante:

— Estou grávida.

Ele piscou rápido, sem tentar esconder a surpresa, e sem ocultar seus sentimentos. O sorriso abriu-se ainda mais, incrivelmente belo:

— Quê?

— Eu disse...

— Eu entendi!

Renato abraçou Ângela com força, depois a largou abruptamente, tocando-lhe a barriga com as duas mãos, parecendo assustado:

— Meu Deus! Apertei demais?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um bobão, senhor Presidente. —
Ela riu, radiante e aliviada com a felicidade dele.

— E você é a mulher que me fez o homem mais feliz do mundo! Tenho que gritar isso para o mundo todo!

Abraçou-a novamente, abrindo caminho entre os convidados até chegar ao centro do salão, onde ficou rodeado de amigos, familiares e colegas de trabalho:

— Senhoras e senhores, eu tenho um pronunciamento importantíssimo a fazer!

FIM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Conheça outras obras da autora:

Coleção Sonhando com Romances:

Treinando para o amor

Romances de época:

Série Libertinos (Concluída):

Por você

Somente em teus braços

Ao dispor do seu

amor

Arrebata-me!

Ouça meu coração

Um Natal com amor

Eu fico com ela

Série Cavaleiros das Terras Altas (Em
curso):

PERIGOSAS NACIONAIS

A dama do rio e o lorde das Terras
Altas

O arqueiro e a senhora do castelo

Livro ambientado na França do século
XVIII:

Olhos de mel, lábios de fogo
(Volume único)

Romance contemporâneo:

Uma noite não é o bastante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

 **SilvanaBarbosaAutora**

 **silvana.barbosa.romancista**

 **Silvana Barbosa - Autora de Romances**

PERIGOSAS ACHERON